

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – CENTRO DE CIÊNCIAS  
DA EDUCAÇÃO – CED – LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

JULIANA APARECIDA HOFFMANN

**A ESCOLA E A TENSÃO PERMANÊNCIA/SAÍDA DE JOVENS  
DAS UNIDADES FAMILIARES DE PRODUÇÃO  
E DE UM MUNICÍPIO "ESSENCIALMENTE RURAL";  
UM ESTUDO EM ITAIÓPOLIS**

FLORIANÓPOLIS

2020

Juliana Aparecida Hoffmann

**A ESCOLA E A TENSÃO PERMANÊNCIA/SAÍDA DE JOVENS  
DAS UNIDADES FAMILIARES DE PRODUÇÃO  
E DE UM MUNICÍPIO "ESSENCIALMENTE RURAL";  
UM ESTUDO EM ITAIÓPOLIS**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à  
Universidade Federal de Santa Catarina, como  
parte dos requisitos necessários para a obtenção  
do Grau de Licenciado em Educação do Campo  
na área de Ciências da Natureza e Matemática.  
Orientadora: Profa. Dra. Thaise Costa Guzzatti  
Coorientador: Wilson Schmidt

FLORIANÓPOLIS

2020

Juliana Aparecida Hoffmann

**A ESCOLA E A TENSÃO PERMANÊNCIA/SAÍDA DE JOVENS  
DAS UNIDADES FAMILIARES DE PRODUÇÃO  
E DE UM MUNICÍPIO "ESSENCIALMENTE RURAL";  
UM ESTUDO EM ITAIÓPOLIS**

Este trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do título de "Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências da Natureza e Matemática." E aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Florianópolis, 21 de janeiro de 2020

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Adriana Angelita da Conceição  
Coordenadora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof<sup>o</sup> Thaise Costa Guzzatti  
(Orientador)

---

Prof. Silvio Domingos Mendes da Silva  
(Avaliador)

---

Prof. Leila Lesandra Paiter  
(Avaliador)

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus.

Em seguida, a minha família, meu pai Elcio, minha mãe Rosimar, meus irmãos Marcos e Gislaine, por sempre me incentivarem e apoiarem durante minha formação pessoal e profissional.

Agradeço de coração ao Jonas de Paula Padilha, por ter me dado apoio, incentivo, atenção e suporte durante esse período da minha formação.

Aos meus grandes amigos e colegas que tive a oportunidade de conhecer no curso. Eles me ensinaram diversos valores, para me tornar uma pessoa melhor. E sempre me incentivarem a ser perseverante. Minha gratidão se estende àqueles que, por diversos motivos, não estão presentes, agora, nessa fase de finalização do curso. Todos tiveram grande significância em minha vida.

A todos os professores do curso, que me ensinaram muito. Em especial, ao meu querido Wilson Schmidt, que não desistiu da minha pessoa, se fez presente durante toda a minha trajetória, inclusive nos momentos em que pensei em desistir do curso. E que foi muito atencioso no auxílio à construção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

À professora Thaise Guzzatti, por ser muito presente durante a formação e por orientar este Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos jovens do município de Itaiópolis que me auxiliaram na construção deste TCC.

E a todos que, de alguma forma, se fizeram presentes neste percurso até esta etapa final da formação.

Sou muito grata, de coração, a todos. Meu muito obrigado!

*“Ensinar não é transmitir conhecimento,  
mas criar possibilidades para sua própria produção ou sua construção.”*

(Paulo Freire)

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como foco os jovens do campo, no município essencialmente rural de Itaiópolis (SC), mais especificamente aqueles que ainda permanecem com atividades na agricultura familiar. Buscou-se refletir sobre as possíveis relações da escola com a permanência de seus estudantes na agricultura ou, ao contrário, a saída, por esses sujeitos, das Unidades Familiares de Produção e, de forma mais geral, do município. Para a consecução desse objetivo, foram realizadas sete entrevistas estruturadas, baseadas em um questionário e ouvidos professores das áreas da Ciência da Natureza e Matemática e a direção da Escola de Educação Básica Antônio Blaskowski, buscando identificar as formas como são trabalhadas questões ligadas ao campo e à agricultura. Todo o material colhido foi sistematizado e analisado. Os resultados indicam que a escola é um fator para a saída dos jovens de UFP e de municípios rurais. Não é, contudo, o único. Os entrevistados apontam que pais e, especialmente as mães, incentivam seus filhos e, notadamente, as filhas a deixar a UFP e o próprio município e buscar uma "vida melhor" ou, no mínimo, "menos sofrida". Outro fator importante para a saída também é interno às UFP – e à agricultura familiar. Trata-se da falta de diálogo entre os familiares, pesando o autoritarismo do patriarcado e do "chefe-de-família". A falta de reconhecimento (ou "enquadramento") do/da jovem e da agricultura familiar pelos instrumentos de políticas públicas agrárias e agrícolas (especialmente o crédito) também foram apontados pelos entrevistados como dificuldades que pressionam para a saída da UFP e do município rural.

As entrevistas mostram, da mesma forma, que os jovens permanecem na Unidade Familiar de Produção até a conclusão do Ensino Médio. Isso se dá porque o transporte casa-escola-casa é assegurado e compatibiliza, de certa forma, o trabalho (considerado como "ajuda") na agricultura com o estudo. Após o término dessa etapa, uma parcela importante sai das UFP, para "trabalhar fora" e "ter uma profissão, ou para dar continuidade aos estudos (antes, na EJA, hoje em "faculdades"). Também há os que retornaram a UFP depois da realização de cursos técnicos, que consideraram determinantes para dar continuidade ao trabalho na agricultura e à gestão da "propriedade". As entrevistas revelam, ainda, que Itaiópolis é visto como município que não tem atrativos para os jovens e eles tendem a buscar municípios maiores. Os resultados apontam, além disso, que as unidades escolares de Itaiópolis, ao invés de combater o preconceito (e o bullying dele decorrente) em relação aos estudantes do campo, acabam o reforçando. Finalmente, que a falta de qualificação aos docentes das escolas, assim como as condições de trabalho que são submetidos (por exemplo, em relação às horas-atividade) fazem com que eles trabalhem apenas com materiais didáticos, não considerando as especificidades e interesses dos estudantes, que são sujeitos do campo.

**Palavras Chaves:** Jovens. Escola. Agricultura Familiar. Educação do Campo. Itaiópolis.

## ABSTRACT

This Course Conclusion Paper (TCP) focuses on young people from the countryside, in the essentially rural municipality of Itaiópolis (SC), more specifically those who still have activities in family farming. We tried to reflect on the school's possible relations with the permanence of its students in agriculture or, on the contrary, the departure, by these subjects, of the Family Production Units and, more generally, of the municipality. To achieve this objective, seven structured interviews were carried out, based on a questionnaire and heard by teachers in the areas of Nature Science and Mathematics and the direction of the Antônio Blaskowski School of Basic Education, seeking to identify the ways in which issues related to the field and to agriculture. All the material collected was systematized and analyzed. The results indicate that school is a factor in the departure of young people from UFP and rural municipalities. However, it is not the only one. Respondents point out that fathers and, especially mothers, encourage their sons and, notably, daughters to leave UFP and the municipality itself and seek a "better life" or, at least, "less suffered". Another important factor for the exit is also internal to UFP - and family farming. It is the lack of dialogue between family members, despite the authoritarianism of patriarchy and the "head of the family". The lack of recognition (or "framing") of the youth and family agriculture by the instruments of public agrarian and agricultural policies (especially credit) were also pointed out by the interviewees as difficulties that pressure the exit of UFP and the rural municipality.

The interviews show, in the same way, that young people remain in the Family Production Unit until the completion of high school. This is because the home-school-home transport is assured and, in a way, makes work (considered as "help") in agriculture compatible with the study. After the end of this stage, an important part leaves the UFP, to "work outside" and "have a profession, or to continue their studies (before, at EJA, today in" colleges "). There are also those who returned to UFP after the completion of technical courses, which they considered decisive to continue the work in agriculture and the management of "property." The interviews also reveal that Itaiópolis is seen as a municipality that has no attractions for young people and they tend to seek municipalities. The results show, moreover, that the school units in Itaiópolis, instead of fighting prejudice (and the resulting bullying) towards students in the field, end up reinforcing it. Finally, that the lack of qualifications for teachers in schools, as well as the working conditions to which they are subjected (for example, in relation to the activity hours) make them work only with didactic materials, not considering the expectations specificities and interests of students, who are subjects of the field.

**Keywords:** Youth. School. Family Farming. Rural Education. Itaiópolis.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Localização de Itaiópolis.....	18
FIGURA 2 – Evolução da população de Itaiópolis de acordo com Censos Demográficos.....	23
FIGURA 3 – Propriedades rurais em Itaiópolis georreferenciadas no sistema SICAR.....	26
FIGURA 4 – Propriedades rurais georreferenciadas próximas á sede do município de Itaiópolis.....	27
FIGURA 5 – Composição do Valor Adicionado Bruto (VAB) de Itaiópolis.....	27
FIGURA 6 – Área plantada com tabaco no município de Itaiópolis.....	29
FIGURA 7 – Quantidade Produzida de tabaco no município de Itaiópolis.....	30
FIGURA 8 – Território do município de Itaiópolis com a localização dos equipamentos, de educação.....	33

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – População total, por sexo e por localidade do município de Itaiópolis.....	23
QUADRO 2 – Número de estabelecimentos agropecuários e Área dos estabelecimentos por grupos de área total.....	28
QUADRO 3 – Equipamentos de educação da Rede Municipal de Itaiópolis.....	31
QUADRO 4 – Equipamentos de educação especial, jovens e adultos e da Rede privada em Itaiópolis.....	32
QUADRO 5 – Equipamentos de educação da Rede Estadual em Itaiópolis.....	32
QUADRO 6 – Jovens do campo de Itaiópolis entrevistado.....	44
QUADRO 7 – Respostas dos entrevistados (item 3.1.1).....	45
QUADRO 8 – Respostas dos entrevistados (item 3.1.2).....	46
QUADRO 9 – Respostas dos entrevistados (item 3.1.3).....	48
QUADRO 10 – Respostas dos entrevistados (item 3.1.4).....	49
QUADRO 11 – Respostas dos entrevistados (item 3.1.5).....	52

## **LISTA DE ABREVIATURAS E/OU SIGLAS**

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais  
CEI – Centro de Educação Infantil  
CEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos  
CDL – Clube de Dirigentes Lojistas  
EA – Estabelecimento Agropecuário  
EEB – Escola de Educação Básica  
EF – Ensino Fundamental  
EJA – Educação de Jovens e Adultos  
EM – Escolas Municipais  
ER – Escolas Rurais  
FPM – Fundo de Participações dos Municípios  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira  
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária  
MEC – Ministério da Educação  
NAES – Núcleo Avançado de Ensino Supletivo  
PE – Pré-Escolas  
PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência  
PRONAF – Programa de Fortalecimento da agricultura Familiar  
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas  
SC – Santa Catarina  
SICAR – Sistema Nacional de Cadastro Ambiental Rural  
SNCR – Sistema Nacional de Cadastro Rural  
TC – Tempo Comunidade  
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso  
TU – Tempo Universidade  
UFP – Unidade Familiar de Produção  
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina  
VAB – Valor Adicionado Bruto  
ZTM – Zona Típica de Módulo

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I - ITAIÓPOLIS... POLIS? .....</b>	<b>17</b>
1.1 LOCALIZAÇÃO .....	17
1.2 HISTÓRIA DO MUNICÍPIO .....	18
1.3 SUJEITOS DO CAMPO .....	20
1.4. DEMOGRAFIA DE ITAIÓPOLIS; POLIS OU RURAL? .....	22
1.4.1. O Rural evidenciado pelo Sistema de Cadastro de Áreas Rurais ...	25
1.5 ECONOMIA .....	27
1.6 EQUIPAMENTOS DE EDUCAÇÃO, LOCALIZAÇÃO E ENFOQUE .....	30
<b>CAPÍTULO 2 - REFLEXÕES DE UMA TRABALHADORA NA AGRICULTURA FAMILIAR QUE VIVEU A "EDUCAÇÃO RURAL" E ESTUDOU EDUCAÇÃO DO CAMPO.....</b>	<b>35</b>
<b>CAPÍTULO 3 - A VOZ DOS JOVENS, O SUSSURRO DOS EDUCADORES. 43</b>	
3.1 PERSPECTIVA DOS JOVENS NO MUNICÍPIO DE ITAIÓPOLIS.....	45
3.1.1. Quais as perspectivas de futuro? Pretende permanecer na localidade? .....	45
3.1.2. O que pensa sobre a agricultura? É necessário de estudo para continuar na agricultura? E o lugar onde mora, o que pensa dele? .....	46
3.1.3 Seus pais invectivavam a permanecer na propriedade ou e seguir com os estudos? .....	48
3.1.4. Sobre a escola em que estuda/estudou o que pensa? A escola incentivava a permanecer no meio rural? .....	49
3.1.5. Qual incentivo para permanência no município (Itaiópolis)? .....	52
3.2 - PERSPECTIVA DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO.....	53
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>58</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi realizado como requisito parcial para o término da Licenciatura em Educação do Campo (EduCampo), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ele tem como foco os jovens do campo, mais especificamente aqueles que ainda permanecem com as atividades da agricultura familiar. Busco refletir sobre as possíveis relações da escola com a permanência de seus estudantes na agricultura ou, ao contrário, a saída desses sujeitos.

Não entendo o TCC – especialmente para uma Licenciatura e, ainda, mais em Educação do Campo – como um exercício puro de iniciação científica. Penso, sim, que ele pode ter esse componente, o que procurei realizar no Capítulo 3, sem pretender, é claro, realizar uma monografia exaustiva. Julgo que neste trabalho pode, da mesma forma, contemplar a recuperar as trajetórias do estudante e ajuda-lo a pensar a transição de estudante para educador do campo. Trajetória está no plural, porque há o percurso pessoal, o educacional e, no meu caso, também de trabalhadora na agricultura familiar. Foi esse conjunto, aliás, que me fez – jovem com vinte e um anos e residente no campo – escolher o tema jovens do campo e suas relações com a escola. Ou da escola com eles. E as repercussões que essas escolas podem ter sobre a escolha deles de permanecer ou não nas Unidades Familiares de Produção (UFP), no espaço rural "administrativo" (ver Capítulo 1) em que vive, ou no pequeno município rural que é Itaiópolis.

São escolas rurais? Escolas no campo? Escolas do campo? Para Itaiópolis (como veremos no Capítulo 1, um município "essencialmente rural"), escolas situadas no perímetro urbano não são consideradas no campo, mesmo que atendam predominantemente a populações do campo. A caracterização como "escola urbana" acaba influenciando, no interior dela própria, na desvalorização dos indivíduos do campo. Porque mesmo os profissionais da educação dessas escolas não têm conhecimento – e reflexões e debates – sobre o que seja rural e urbano, campo e cidade.

A carência de uma formação adequada gera uma conformidade com aquilo que é proposto pelo próprio sistema. O que resulta na generalização da

visão de que os sujeitos do campo são atrasados e que trabalhar com eles é um atraso.

A educação do Campo, ao contrário, ressalta a importância da valorização do contexto e da realidade dos sujeitos:

A Educação do Campo é negatividade – denúncia / resistência, luta contra. Basta (!) de considerar natural que os sujeitos trabalhadores do campo sejam tratados como inferiores, atrasados, pessoas de segunda categoria; que a situação de miséria seja o seu destino; que no campo não tenha escola, que seja preciso sair do campo para frequentar uma escola; que o acesso à educação se restrinja à escola, que o conhecimento produzido pelos camponeses seja desprezado como ignorância... A Educação do Campo é positividade – a denúncia não é espera passiva, mas se combina com práticas e propostas concretas do que fazer: a educação, as políticas públicas, a produção, a organização comunitária, a escola... A Educação do Campo é superação – projeto / utopia: projeção de uma outra concepção de campo, de sociedade, de relação campo e cidade, de educação, de escola. Perspectiva de transformação social e de emancipação humana. (CALDART, 2008, citada por MUNARIM e SCHMIDT, 2014, p.61-62).

Fique claro que a Educação do Campo prioriza que os sujeitos do meio rural tenham acesso a escolas mais próximas de suas residências. Como um direito desses estudantes a um melhor acesso à educação. Com as nucleações no perímetro urbano e o fechamento de escolas mais próximas das residências e o foco no transporte escolar, os estudantes na Educação Básica que moram em localidades distantes da sede municipal enfrentam diversos tipos e adversidades: tempo e condições inseguras de deslocamento, más condições dos veículos escolares e das estradas, cansaço etc.

Volto à questão da ousadia de não pensar no presente estudo como um simples exercício de iniciação científica. Porque eu mesma, diversas vezes, fiquei literalmente "na estrada", tendo que ir para casa a pé em função de um problema mecânico no veículo que realizava o transporte escolar – combinado com o fato de que minha família não tinha condições para adquirir um celular que me permitisse comunicar com a residência. Cansada, com fome e sede, eu tinha que enfrentar a longa caminhada, porque a prefeitura sempre julgava que já estávamos "próximos à residência" e não providenciava uma alternativa.

Desta forma, senti o que significa não ter assegurado o direito dos jovens do campo de frequentar uma escola próxima. Da mesma forma, como estudante de Educação do Campo pude perceber como as escolas de Itaiópolis – inclusive as quais estudei – não trabalharam/trabalham questões voltadas à realidade e aos interesses de seus estudantes – que são, todos, do campo (ver Capítulo 1) – e não valorizaram/valorizam os povos do campo e seus conhecimentos. Assim, achei que cabia o atrevimento de, neste trabalho, apresentar – e refletir sobre – minhas trajetórias pessoal, educacional e de trabalhadora na agricultura familiar.

Para o exercício de iniciação científica, realizei pesquisa na Escola de Educação Básica Antônio Blaskowski, localizada no Distrito de Itaío. Segundo o seu Projeto Político Pedagógico, ela é:

Considerada Escola do Campo, sendo o campo um lugar especial, um espaço único, porém com diversidades múltiplas, onde cada comunidade representa um mundo cultural e de trabalho, deve ser conhecido, compreendido e valorizado por seus habitantes e por todos os que se relacionam com ele. (PPP, Antônio Blaskowski, 2019 pg. 3).

Do ponto de vista "administrativo", por estar na sede de um distrito (ou em uma "vila") ela é identificada pelo Inep e pelo MEC como uma escola urbana<sup>1</sup>. Como descrevem Munarim e Schmidt (2016, p. 22):

No formulário eletrônico do censo escolar, as informações sobre a "localização" ou "zona" da escola já chegam a ela assinaladas. Os critérios são apontados no caderno de instruções para o preenchimento do questionário pelas unidades escolares: "a demarcação [é] definida pelo IBGE para a zona em que se situa a escola". Ou seja, "urbana", para aquelas escolas situadas no perímetro urbano ou nas sedes dos distritos do município, ou rurais", para aqueles estão fora dessas zonas.

Eu entendo, todavia, seguindo o que reza o Decreto Lei 7.352/2010, que ela é uma escola do campo, por que:

---

<sup>1</sup> Infelizmente, o site <http://www.dataescolabrasil.inep.gov.br>, que sempre foi importante fonte para consulta os dados do Censo Escolar, há mais de ano exibe apenas a seguinte mensagem: Caro usuário, o sistema Data Escola Brasil encontra-se em processo de reformulação.

[Art.1º Inciso II entende-se por] escola do campo: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo (BRASIL, 2010).

E seus alunos são originários da população do campo, mesmo que suas famílias não atuem diretamente na agricultura. Mais uma vez, sou forçada a lembrar minhas trajetórias. Nessa escola, realizei também meus estágios curriculares da EduCampo/UFSC e, neles, pude constatar que que não são trabalhados conceitos voltados aos sujeitos do campo.

Muito pelo contrário, os próprios docentes não reconhecem que a E. E. B. Antônio Blaskowski seja uma escola do campo e, por consequência, não realizam qualquer adequação na abordagem do conteúdo curricular. Como será apresentado adiante (Capítulo 3) os próprios alunos relatam que deveria existir mais aulas com práticas voltadas à realidade, o que tornaria as aulas mais atraentes e interessantes e os motivaria. Nos meus estágios de regência percebi que, de fato, os alunos queriam aulas alternativas voltadas à realidade deles.

Voltando à pesquisa, foram realizadas sete entrevistas estruturadas, baseadas em um questionário. Em três casos, o questionário foi "aplicado" via uma "rede social". Tentei ampliar o número de entrevistados por essa via com os estudantes de uma mesma turma da E. E. B. Antônio Blaskowski, mas a maioria informou que, em casa, não tinham acesso à internet. Nesses casos, procurei coletar informações importantes para a realização deste trabalho. Os quatro demais entrevistados moram na vizinhança da Unidade Familiar de Produção em que moro e trabalho, já não estão no espaço escolar e permanecem no meio rural com as atividades agrícolas.

Nesses casos, o questionário foi, por mim, aplicado diretamente na residência de cada um. Foram ouvidos, ainda, professores das áreas da Ciência da Natureza e Matemática (ênfase da EduCampo/UFSC) e a direção da Escola de Educação Básica Antônio Blaskowski, buscando identificar as formas como são trabalhadas questões ligadas ao campo e à agricultura. Esteve no centro dessas conversas a tensão entre o foco na preparação

"bancária" para o vestibular e "para sair" *versus* o foco na realização de aulas práticas ou atividades alternativas que, ao mesmo tempo em que garantam a aprendizagem dos conhecimentos universais, sirvam de motivação para a permanência no campo e, inclusive, na agricultura. Todas as entrevistas foram transcritas e, em seguida, sistematizadas e analisadas.

O texto deste trabalho está estruturado, além dessa introdução e das considerações finais, em três capítulos. Inicialmente (Capítulo 1), apresento ao leitor o município de Itaiópolis, para que ele entenda o contexto no qual vivi e trabalhei, assim como onde estão situados as escolas e os estudantes que servem de base a minha reflexão. Julguei importante, por isso, ainda que brevemente, colocar diante do leitor, o histórico, a economia e a demografia de Itaiópolis, assim como a rede de unidades escolares que "ainda" estão em funcionamento (considerando que muitas foram suspensas ou extintas) no município. Destaco desde já que julgo Itaiópolis como um município "essencialmente rural" com uma participação significativa da agricultura, especialmente a de tipo familiar, em sua vida, cultura e economia.

É preciso sublinhar, inclusive, a importância da fumiicultura e a falta de políticas públicas que promovam, com apoio financeiro e técnico efetivos e de fácil acesso, alternativas à cultura do tabaco. Em relação às escolas e suas infraestruturas, esclareço que além delas, outros fatores são importantes para a permanência ou não desses jovens nas UFP, localidades rurais – ou mesmo o município rural – em que vivem.

O próprio funcionamento da agricultura familiar é um deles, com uma forte predominância do poder do pai ou "chefe-de-família" sobre a mãe (esposa) e sobre os filhos e, especialmente, filhas. Depois, no segundo capítulo, como já mencionado, cometo a ousadia de apresentar minhas trajetórias como pessoa, como estudante – desde o princípio do Ensino Fundamental até o término da Licenciatura em Educação do Campo. Trata-se de um balanço que me ajuda a refletir sobre o tema, já que sou uma mulher, jovem do campo e da agricultura familiar, que vive, ao concluir a graduação universitária, a tensão de permanecer ou sair. E (ao menos, espero), com a formação universitária que me exige esse TCC, passei a ter algumas ferramentas para analisar criticamente minha situação – e a de outros jovens

de Itaiópolis. Finalmente (Capítulo 3), exponho e analiso os resultados da pesquisa realizada.

## CAPÍTULO I - ITAIÓPOLIS... POLIS?

Por que a pergunta no título deste capítulo? Porque, como é sabido, "polis" significa cidade. Por sua vez, na definição dos dicionários, cidade é um "complexo demográfico formado, social e economicamente, por uma importante concentração populacional não agrícola" (Aurélio, Dicionário Eletrônico). Assim, ao procurar traçar um perfil demográfico, socioeconômico e educacional de Itaiópolis, procura-se apontar para uma questão importante: estamos tratando de um território que não é cidade, mas campo. O município não é urbano – e não faz sentido dizer que tenha um perímetro urbano interno – mas "essencialmente rural". A seguir, trato, ainda que muito brevemente, dos principais aspectos do município.

### 1.1 LOCALIZAÇÃO

Itaiópolis é um dos 295 municípios do estado de Santa Catarina, e está localizado na Mesorregião do Planalto Norte Catarinense e Microrregião de Canoinhas. Sua latitude é 26° 20'11" S; e a longitude: 49° 54'23" W. Com extensão territorial de 1.295,431 quilometro quadrados, faz fronteira com Santa Terezinha, Mafra, Papanduva, Rio Negrinho, Doutor Pedrinho, Vitor Meireles e José Boteux. (FIGURA 1).

FIGURA 1 - Localização de Itaiópolis.



Fonte: Adaptação software Google maps, 2019

O Clube de Dirigentes Lojistas de Itaiópolis (CDL), em entrevista direta, avaliou que o município de Itaiópolis está estrategicamente situado, já que a rodovia SC-419 liga o município à rodovia federal BR-116, que facilita o acesso, ao mesmo tempo, ao Extremo Oeste, aos portos catarinenses e paranaenses e à Curitiba. A construção de uma nova rodovia, na localidade de Iracema, proporcionará um ainda melhor escoamento do que é produzido.

## 1.2 HISTÓRIA DO MUNICÍPIO

A história do território que corresponde, hoje, ao município de Itaiópolis precisa começar com suas populações nativas: os índios Xokleng (Grupo Jê). A população cabocla – resultante da miscigenação de índios, negros e brancos também está na origem da formação da população do território, que depois, foi ocupado por muitas etnias, dentro de um processo de colonização que tem origem na fundação de Rio Negro.

Os primeiros colonos chegaram em 1891, oriundos da Inglaterra. Imigrantes russos, poloneses e alemães vieram pouco depois e, com as famílias de tropeiros que acampavam na região, começaram a formar o povoado onde hoje se localiza o município. Itaiópolis pertencia ao Paraná e se emancipou em 1909. O acordo realizado em 1917 em torno da Região Contestada entre Paraná e Santa Catarina, converteu-o novamente em distrito, desta vez pertencente a Mafra, do lado catarinense. Um ano depois, Itaiópolis conquistou definitivamente sua emancipação (SEBRAE, 2010).

Como graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, para poder refletir melhor sobre a ocupação e o desenvolvimento de Itaiópolis, julgo de extrema importância considerar relatos a partir da realidade dos sujeitos. Afinal, desde o início da formação, fui estimulada a pesquisar de forma ativa no meio em que vivo. Com as atividades de Tempo Comunidade, pude resgatar relatos de pessoas que ainda vivem no município e trazem consigo uma rica fonte de informações para descrever melhor o contexto histórico do município de Itaiópolis. Segundo tais relatos, a principal fonte de renda era a erva-mate nativa, extraída manualmente. Nessa atividade, os caboclos tinham papel fundamental (saberes e mão-de-obra).

O preço pago pela erva-mate era relativamente baixo, não existia dinheiro e as compras eram feitas em forma de escambo. O município foi caminho das tropas, que vinham do Rio Grande do Sul, trazendo gado com destino a São Paulo. Os relatos dão conta de que havia diversas paradas, como a da "Cabeça Seca", devido à escassez de água para o gado, que deram origem a localidades, no caso a de Bom Jesus. Isso serve para reforçar a importância dos tropeiros na formação do município de Itaiópolis.

Sobre os índios nativos da região, os relatos ouvidos também são interessantes. Eles eram denominados bugres e a percepção é de que havia conflitos deles com os moradores. São recorrentes as narrativas de desaparecimentos de crianças na lavoura, capturadas supostamente como "troféu" para eles. Com passar dos anos os bugres foram desaparecendo, sendo mortos ou forçados seja a migrar, seja a se "misturar" com os brancos. Após anos, a erva-mate deixou de ser a principal fonte de renda, dando lugar a exploração da madeira. Essa atividade foi intensificada com a vinda da Brasil Railway Company, para construir a estrada de ferro ligando São Paulo a Rio Grande. Para isso, trouxe cerca de oito mil homens das mais diversas regiões do país e, inclusive, do exterior.

Em contrapartida, recebeu até quinze quilômetros em cada margem da ferrovia. O que gerou conflitos com os caboclos e posseiros de terras da região que foram obrigados a deixar seus bens. Esta é a principal origem da Guerra do Contestado. O Monge João Maria, figura chave nesse conflito, que fazia uso de ervas medicinal e benzeduras para o tratamento de doenças, é uma figura muito presente nas falas da maioria dos anciãos e seguidores do catolicismo. Há igrejas e monumentos construídos por ele, à época, e que são preservados até hoje no município. Serve de exemplo, a cruz de São João Maria, situada na comunidade de São Lourenço.

Voltando à companhia norte-americana, ela promoveu, nesta faixa ao longo da estrada de ferro, a exploração da madeira nativa (especialmente a araucária). Além da perda da diversidade, resultante da extinção de muitas espécies na região, a devastação ocorrida gerou grandes perdas nos ervais nativos. Ao término das obras da estrada de ferro, grande parte das pessoas que nela trabalharam foram contribuindo na formação de municípios pela região. Muitos deles passaram a trabalhar na agricultura, pecuária, para

latifundiários. Mais tarde, a ocupação do município foi marcada por muitos movimentos migratórios vindos do Oeste de Santa Catarina ou do Paraná, pois as terras estavam em mãos de grandes fazendeiros e havia pouco desenvolvimento industrial. Suas terras, com os mais diversos cultivos presentes, destacando-se a fumiçultura e a soja.

Ainda mais recentemente (décadas de 1970 em diante), teve início os reflorestamentos com *pinus*, voltado ao abastecimento da indústria, moveleira e de celulose, com destaque para as empresas Westrock, Mili, e Companhia Canoinhas de Papel, que são as maiores detentoras de grandes áreas reflorestamento na região.

Percebe-se que esta história da formação e da ocupação do município de Itaiópolis gerou grande diversidade sociocultural e desigualdades, que chamam a atenção de uma estudante – e (quase) licenciada – em Educação do Campo.

### 1.3 SUJEITOS DO CAMPO

No primeiro ano de formação da EduCampo/UFSC, minha turma – assim como as outras - realizou pesquisas de campo. Nela, os estudantes elegiam os temas que consideravam relevantes investigar para estabelecer um diagnóstico do município. Assim, foram realizadas diversas entrevistas. Um dos temas escolhidos foi "indivíduos do campo". Recuperarei, a seguir, alguns dos resultados alcançados por um grupo de trabalho (HOFFMANN, MARQUETTI e MOURA, 2016) para apoiar a reflexão sobre os sujeitos do campo que tanto interessa à Educação do Campo.

Em um primeiro momento, o propósito era conhecer o homem e a mulher do campo, quem é e como vivem, sua estrutura familiar, entre outros aspectos. No decorrer das entrevistas, percebemos que quem mora no meio rural não são somente pessoas que trabalham na agricultura. Há muitos habitantes do espaço rural que exercem outras atividades.

Foi possível perceber, durante as entrevistas, mudanças ocorridas no município e na mentalidade das pessoas de mais idade. No campo, há maior igualdade entre gêneros, não prevalecendo mais a ideia de que só o homem

trabalha (e a mulher é "do lar" ou "ajuda"). E não somente na sede do município, mas também nas áreas afastadas.

Os entrevistados atribuíram tal mudança à "globalização" e à "necessidade de a mulher trabalhar para que a família tenha maior renda, e conseqüentemente melhor qualidade de vida". Tal retorno não pode, contudo, ser generalizado. Foi possível observar, em comunidades mais tradicionais, que ainda prevalece a figura masculina como detentora da última palavra, e a mulher como a dona de casa responsável pelos afazeres domésticos e que deve ensinar seu saber-fazer (e sua subordinação) às filhas.

Nas Unidades Familiares de Produção agrícola – nas quais a propriedade, a gestão e o trabalho são exercidos pelos membros de um grupo familiar, ainda se ouve, em pleno Século XXI, que "o único que trabalha é o pai. A esposa e os filhos, "ajudam" nas atividades. Essa imensa desvalorização do jovem e da mulher na agricultura familiar, acaba levando muitas mulheres a preferir trabalhar como "diaristas" em outras residências, e os jovens a buscar sua independência no local ou, até mesmo, seguir outros caminhos longe da UFP e até do espaço rural. Outro ponto importante mencionado é a penosidade do trabalho agrícola. Ou seja, os jovens ouvidos avaliam o trabalho nas lavouras como "cansativo". O que gera o "desinteresse" deles em prosseguir na atividade e no campo, já que não conseguem vislumbrar oportunidade em atividades rurais não agrícolas.

Outro elemento constatado e importante para este TCC é que ainda existem famílias numerosas – com até doze filhos, e que também elas têm dificuldades para assegurar a sucessão nas Unidades Familiares de Produção agrícola. Ao mesmo tempo, filhos e filhas deixaram a propriedade e foram "para a cidade", municípios vizinhos como Mafra, Canoinhas, e demais próximas ao município, em busca de emprego e melhores condições de vida, e os responsáveis pela UFP já não têm o mesmo vigor para "tocar" a produção. A distância dos "serviços básicos" (infraestrutura de saúde, opções de lazer), os motiva, então, a vender a propriedade e comprar um lote na sede do município.

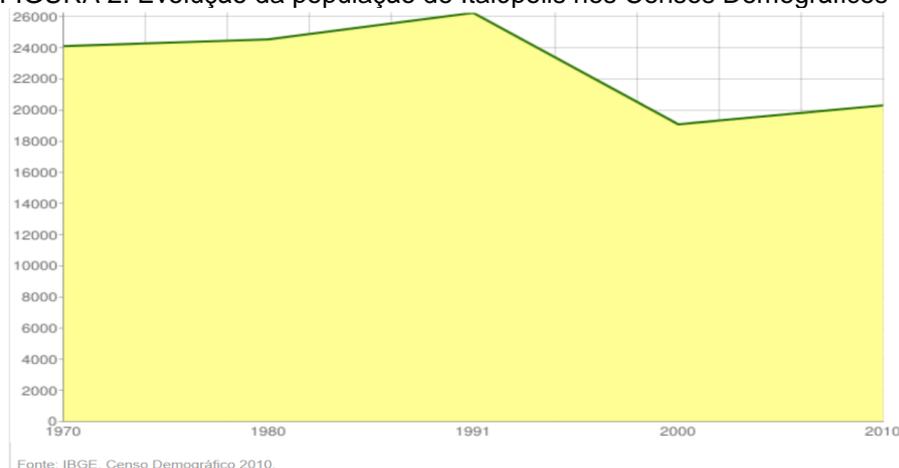
Outro fator que podemos destacar são os conflitos entre as gerações no seio das Unidades Familiares de Produção agrícola. Na geração "mais velha" – ou entre "os pais" – prevalece a ideia de que não são necessárias mudanças, seja no sistema de produção (convencional, orgânico, agroecológico), seja na

utilização de técnicas, máquinas ou equipamentos. Já os jovens buscam melhorias e o acompanhar as mudanças produtivas e de sociedade. Como a sucessão não está, em geral, bem resolvida e como o que prevalece na UFP é a ideia (do "pai") de que "aquilo que sempre deu certo, não necessita de mudanças", a geração mais nova julga mais adequado procurar outros espaços para aplicar os conhecimentos a que teve acesso nos espaços escolar e social. Podemos observar, ainda, uma superação da visão do campo como sinônimo de atraso. Esta nova percepção é, todavia, geralmente associada apenas ao crescimento "da tecnologia" na agricultura e à melhor infraestrutura nas residências (especialmente, equipamentos eletroeletrônicos). Diversas vezes, as oportunidades de financiamento desse tipo de bens foram mencionadas como fundamentais para essa mudança. Para as máquinas e equipamentos agrícolas, via "crédito agrícola" ou "Pronaf", e para equipamentos eletroeletrônicos, linhas de crédito disponibilizadas por lojas, associações ou cooperativas.

#### 1.4. DEMOGRAFIA DE ITAIÓPOLIS; POLIS OU RURAL?

De acordo com IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população atual (estimada para 2019) do município de Itaiópolis é de 21.669 habitantes. Tal estimativa toma em conta a tendência de crescimento verificada entre 2000 e 2010 (FIGURA 2). A população em 2010 era de 20.301 pessoas (QUADRO 1).

FIGURA 2: Evolução da população de Itaiópolis nos Censos Demográficos



Fonte: IBGE, Censo demográfico, 2010.

Destaque-se que a queda de população de 1991 para 2000 se refere ao desmembramento do distrito de Santa Terezinha, que foi elevado à condição de município em 1991, mas instalado em 1993.

QUADRO 1 - População total, por sexo e por localidade do município de Itaiópolis

Ano	Total	Sexo		Localidade	
		Homem	Mulher	Urbano	Rural
1960	21.362	10.908	10.454	1.521	19.841
1970	24.113	12.273	11.840	1.966	22.147
1980	24.538	12.555	11.983	5.510	19.028
1991	26.240	13.608	12.632	7.498	18.742
1996	18.568	9.468	9.100	8.373	10.195
2000	19.086	9.679	9.407	8.757	10.329
2007	19.678	10.053	9.625	9.760	9.918
2010	20.301	10.422	8.893	10.742	9.573

Fonte: IBGE, Diretoria de Estatística, Geografia e Cartografia. Notas: 1 Censos Demográficos 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000. 2 Contagem Populacional 1996 e 2007.

Com relação a gênero, pude constatar que se em 1960 a relação era de 1,043 homens por mulher, cinquenta anos depois essa mesma relação foi de 1,172, o que indica o processo chamado de masculinização da população rural. Ou seja, a força do patriarcado na agricultura familiar e a falta de oportunidade de trabalho para jovens mulheres em pequenos municípios rurais faz com que elas emigrem (saíam do município).

O que me leva a discutir o ponto seguinte sobre a localidade do domicílio dos habitantes. Como se viu, o IBGE divide a população de Itaiópolis entre habitantes "urbanos" e "rurais". Usa, para isso, um critério administrativo. São urbanos todas aquelas pessoas que moram na sede do município (consideradas como cidades) ou de seus distritos (considerados como vilas). A base para essa delimitação é uma fronteira inframunicipal denominada perímetro urbano. Eu, com base no que aprendi ao longo do meu curso<sup>2</sup> e trabalhando com a noção de "regiões predominante ou essencialmente rurais" ou "territórios rurais" (MUNARIM e SCHMIDT, 2016), apresento as seguintes questões: 1. O território do município de Itaiópolis é rural ou urbano? 2. O polis

<sup>2</sup> Esse parágrafo foi escrito com base em material didático e nas minhas notas de aulas da disciplina "Campo e Migrações", ministrada pelo Professor Wilson Schmidt, na Licenciatura em Educação do Campo, assim como em Munarim e Schmidt (2016).

– que significa cidade – de Itaiópolis faz mesmo sentido? Os Professores Antônio Munarim e Wilson Schmidt lembram que:

(...) autores brasileiros como Abramovay (2000), Veiga (2002, 2004) e Verde (2004) têm apontado, na delimitação de rural e urbano, para a necessidade de combinar critérios estruturais e funcionais, envolvendo no mínimo, o tamanho da população do município, sua densidade demográfica e sua localização em relação a aglomerações urbanas (MUNARIM e SCHMIDT, 2016, p. 23).

Isso me levou, também, a seguir Abramovay (2000), que julgou "não ter sentido perímetros-zonas internos aos municípios", e Veiga (2002) que classificou como "anacrônica e aberrante a fronteira inframunicipal entre o rural e o urbano". Ou seja, passei a questionar a própria delimitação do perímetro urbano de Itaiópolis.

Esse meu posicionamento ganhou mais força com a argumentação de Veiga (2002) que, com base em estudos internacionais – adequados, por ele, à realidade brasileira – classifica como urbanos apenas aqueles municípios com mais de cem mil habitantes ou que pertençam a uma região metropolitana, e classifica como "essencialmente rurais" os municípios com população menor que 50 mil habitantes e com densidade demográfica inferior a 80 habitantes por quilometro quadrado<sup>3</sup>.

Ora, como a população e Itaiópolis como visto, é de 21.669 habitantes e está distribuída em 1.296,580 km<sup>2</sup>, ela apresenta uma densidade demográfica de 16,7 hab./km<sup>2</sup>. Esses números indicam que Itaiópolis como um todo é um município "essencialmente rural". Eu acredito nesse novo olhar sobre o campo e sobre quem são as pessoas do campo. Se todo o território do município é rural não tem sentido pensar que rurais serão apenas os que não estão dentro de um perímetro urbano determinado pela Câmara de Vereadores.

---

<sup>3</sup> Há municípios que não tem características nem rurais nem urbanas, ou que tem as duas ao mesmo tempo. Veiga (2002) os classifica com ambivalentes. São aqueles com população entre 50 a 100 mil habitantes ou aqueles que tendo população inferior a 50 mil habitantes mas apresentam uma densidade característica de espaços urbanos, maior de 80 habitantes por km<sup>2</sup>.

Como lembram Munarim e Schmidt (2016), "o rural daí resultante é, em geral, produto de objetivos fiscais e termina sendo, simplesmente, o que não é urbano ou o que 'sobra".

#### 1.4.1. O Rural evidenciado pelo Sistema de Cadastro de Áreas Rurais

Segundo o "diagnóstico rural de Itaiópolis", existem cerca de 7.374 propriedades rurais cadastradas no SNCR (Sistema Nacional de Cadastro Rural). Destas, 5.073 são registradas no SICAR (Sistema de Cadastro de Áreas Rurais) somando uma área de 129.753,9ha, tendo sido mapeadas e georreferenciadas 4.180 delas. Vou apresentar a seguir duas figuras (Figuras 3 e 4) e para entendê-las melhor é preciso conhecer as noções legais de minifúndio; pequena, média e grande propriedades; módulo fiscal e Fração Mínima de Parcelamento. O INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), com base na lei 8.629, de 25 de novembro de 1995, classifica as propriedades rurais da seguinte forma:

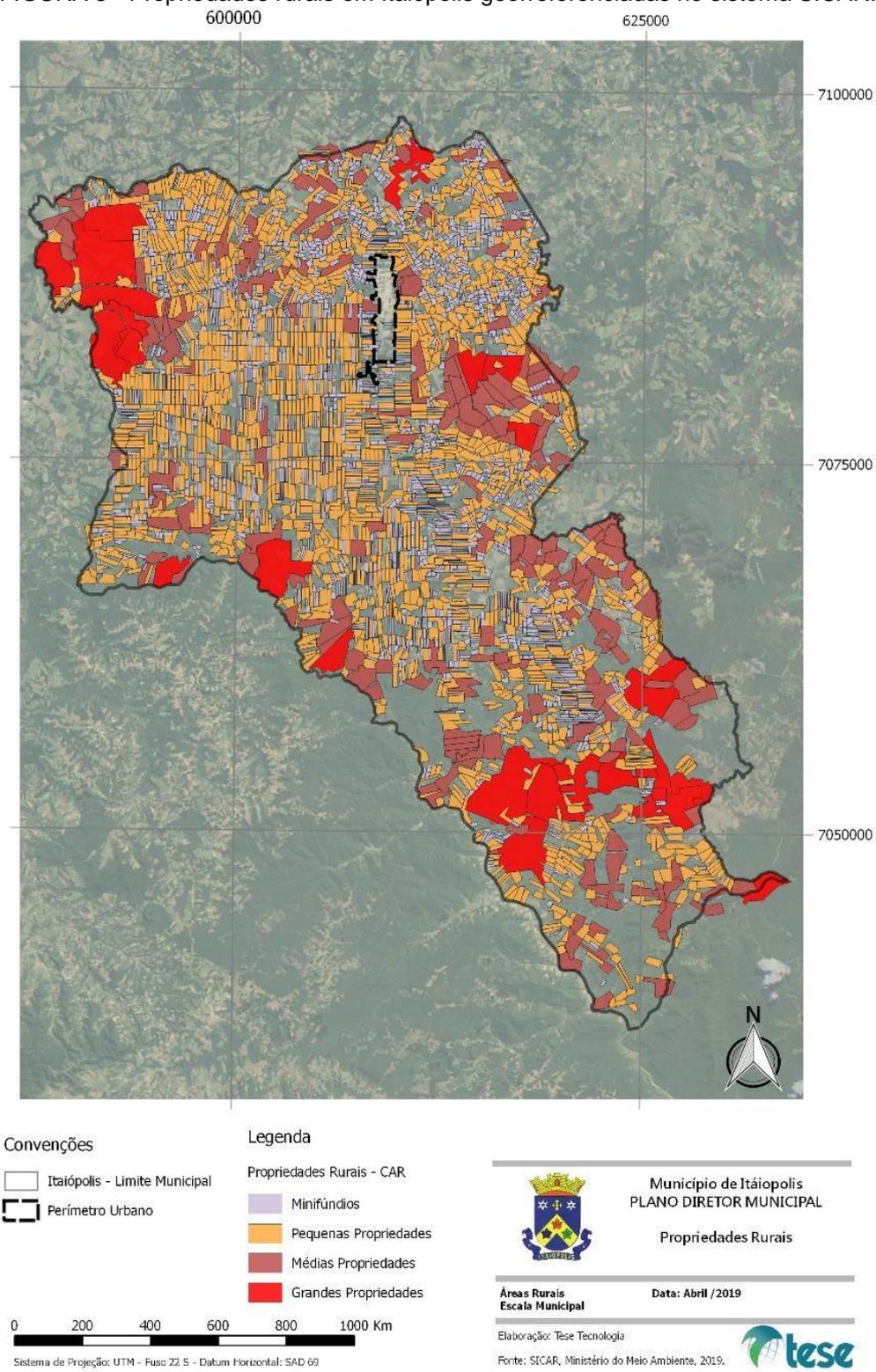
- Minifúndio: Imóvel rural com área inferior a um módulo fiscal;
- Pequena Propriedade – Imóvel com área entre 1 e 4 módulos fiscais;
- Média Propriedade – imóvel com área maior que 4 e até 15 módulos fiscais;
- Grande propriedade – Imóvel com mais de 15 módulos fiscais.

O módulo fiscal varia conforme o município. No caso de Itaiópolis, ele é igual a 16 hectares. Segundo a Lei nº 5.868/72, a Fração Mínima de Parcelamento (FPM) para um imóvel rural é definido pelo módulo de exploração hortigranjeira da Zona Típica de Módulo (ZTM). No caso de Itaiópolis, a FPM é de 3 hectares. (LOBO, 2019).

Na Figura 3 e 4, a seguir, podemos visualizar o território de Itaiópolis e seu perímetro urbano. Fica nítido que o município é basicamente coberto por propriedades rurais (registradas no SICAR). Mais do que isso, é possível notar uma forte dominância em número de minifúndios e pequenas propriedades. Há, ao mesmo tempo, manchas importantes cobertas por médias e grandes propriedades, que amplificam a baixa densidade demográfica. A estrutura

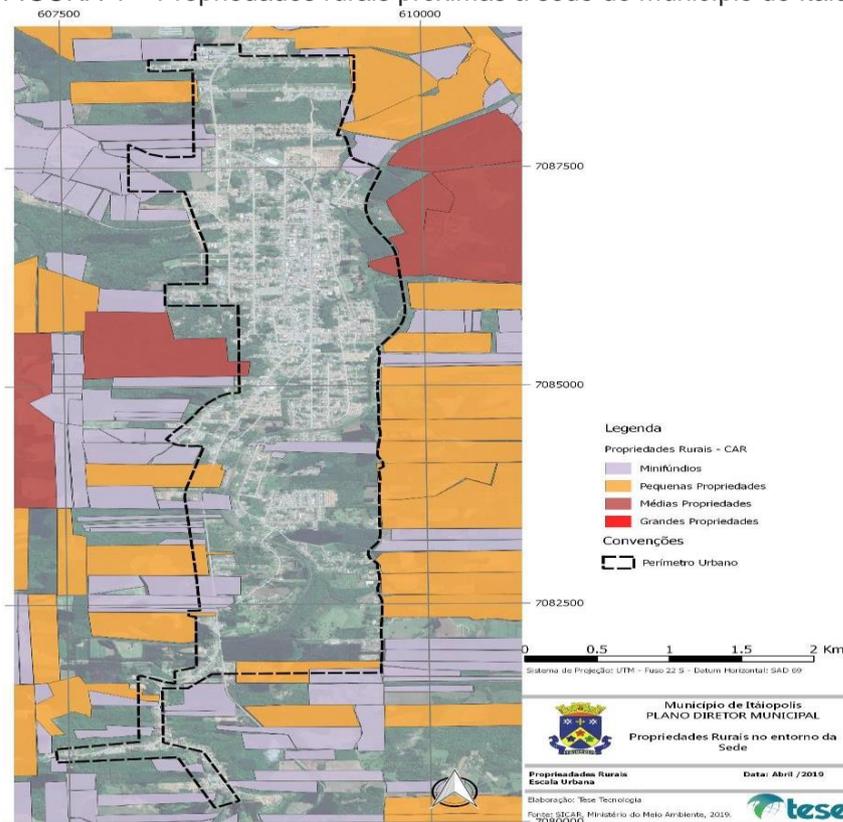
fundiária do município – adotando o conceito de estabelecimento agropecuário usado nos Censos Agropecuários (e não o de imóvel e propriedade usado pelo INCRA) – vai ser trabalhada adiante.

FIGURA 3 - Propriedades rurais em Itaiópolis georreferenciadas no sistema SICAR.



Fonte: SICAR, ministério do meio Ambiente, 2019.

FIGURA 4 - Propriedades rurais próximas à sede do município de Itaiópolis.

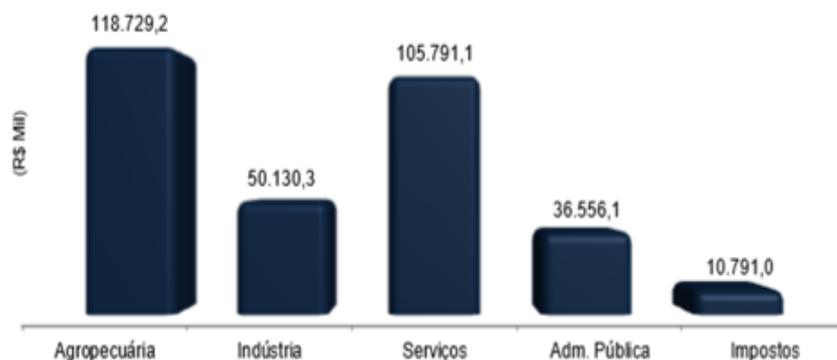


Fonte: SICAR, Ministério do Meio ambiente, 2019.

## 1.5 ECONOMIA

A economia de Itaiópolis tem forte base na agricultura. (Figura 5) Ainda mais se for considerado que uma parte dos serviços e da indústria estão relacionados com este setor. Ao mesmo tempo, o gráfico indica que não se trata de um município exclusivamente agrícola. A agropecuária contribui com pouco mais de um terço (37%) do VAB.

FIGURA 5 - Composição do Valor Adicionado Bruto (VAB) de Itaiópolis.



Fonte: Governo do Estado de Santa Catarina, Secretaria de Estado de Planejamento, PIB Municípios, 2008. (extraído de SEBRAE-SC, 2013).

Segundo informações da Prefeitura Municipal, a agricultura – através dos "blocos de notas", é ao mesmo tempo a principal fonte de arrecadação da municipalidade.

O problema depois é a redistribuição desses recursos – no centralizado sistema tributário brasileiro. Como o Fundo de participação dos municípios (FPM) não considera o volume arrecadado no município, mas a sua população, Itaiópolis se considera prejudicado.

O que se ouve no município é que "se a agricultura vai mal, o comércio sente o efeito", pois ela "gera boa parte da circulação de dinheiro", ainda que concentrada em períodos específicos - os de colheita, sendo esta a fonte que irá proporcionar um equilíbrio entre o município, pois em via de regra, quanto maior forem às arrecadações em períodos de extração agrícola, maior os gastos/custos para gerar tal efeito.

No Quadro 2, podemos verificar a estrutura fundiária (estabelecimentos agropecuários) no município de Itaiópolis.

QUADRO 2 - Número de estabelecimentos agropecuários e Área dos estabelecimentos por grupos de área total - resultados preliminares 2017.

Município - Itaiópolis (SC) Ano - 2017		
Grupos de área total	Variável	
	Número de estabelecimentos agropecuários com área (Unidades)	Área dos estabelecimentos agropecuários (Hectares)
Mais de 0 a menos de 10 ha	928	4562
De 10 a menos de 20 ha	672	9353
De 20 a menos de 50 ha	708	21516
De 50 a menos de 100 ha	191	13000
De 100 a menos de 200 ha	64	8896
De 200 a menos de 500 ha	33	10096
De 500 a menos de 1.000 ha	9	5914
De 1.000 a menos de 2.500 ha	5	X
De 2.500 a menos de 10.000 ha	1	X
De 10.000 ha e mais	-	-
Produtor sem área	-	-
Total	2611	84446

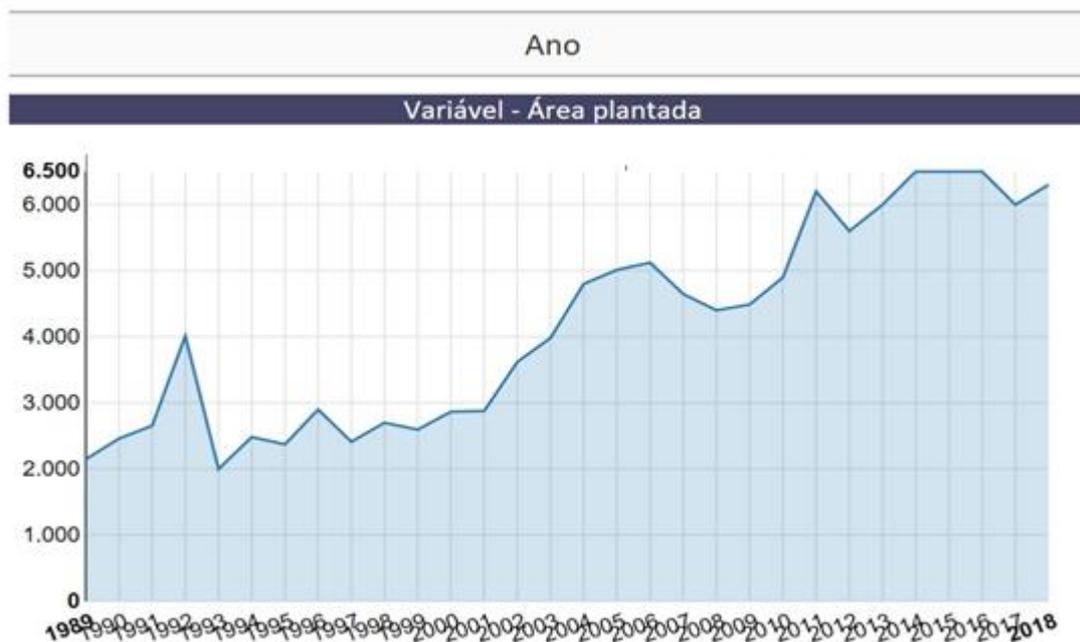
Fonte: IBGE - Censo Agropecuário - Tabela 6722.

A análise é prejudicada pela não quantificação de áreas que permitiriam a identificação do único declarante entre 2.500 e menos de 10.000, mas foi

possível calcular que os seis estabelecimentos com áreas entre 1.000 a 10.000 hectares, juntos, têm uma área a de 11.109 hectares, ou seja 13,1% da área total dos estabelecimentos agropecuários de Itaiópolis. Ao mesmo tempo, 672 estabelecimentos que têm entre 10 e 20 hectares (25,7% do total) detêm 9.353 hectares, ou apenas 11% da área total dos estabelecimentos agropecuários. Já os com de 20 a 50 hectares são 27,1% dos estabelecimentos e detêm 25% da área total.

Nos estabelecimentos com menos de cinquenta hectares, que podem ser associados à agricultura familiar, predomina o cultivo de tabaco, hortaliças e frutas. Nas áreas médias e grandes, prevalece os monocultivos de feijão, soja e milho. Para a reflexão que busco conduzir é importante considerar, seguindo os dados do Censo Agropecuário de 2017, que dos 2.611 estabelecimentos agropecuários de Itaiópolis, 1.325 produzem tabaco. Ou seja, 50,1% ou um em cada dois fazem parte da cadeia produtiva da fumicultura. E esta área seguiu uma tendência de crescimento nos últimos trinta anos (FIGURA 6).

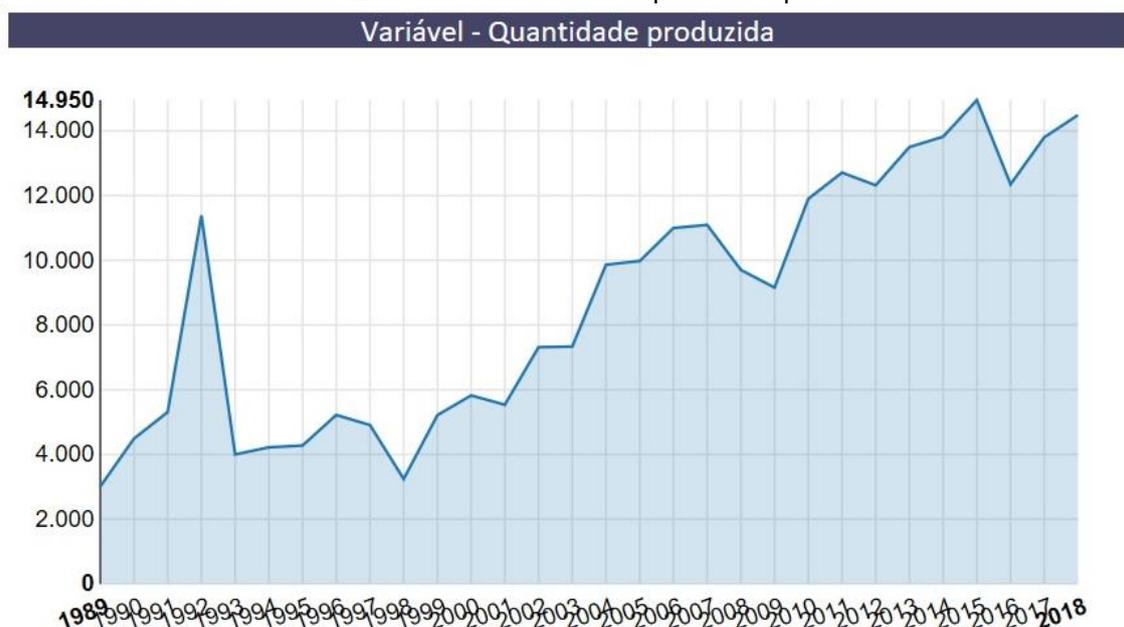
FIGURA 6 - Área plantada com tabaco no município de Itaiópolis.



Fonte: IBGE – Produção agrícola municipal, 2018.

No que se refere à quantidade produzida, a curva é muito semelhante (FIGURA 7).

FIGURA 7: Quantidade Produzida de tabaco no município de Itaiópolis.



Fonte: IBGE – Produção agrícola municipal, 2018.

Como é de amplo conhecimento a produção de fumo se dá no sistema de integração com as corporações fumageiras – tratado como "entregação" ou "enganação", em função da dominação (na determinação dos preços e da forma de produzir) e da maneira de distribuição dos prejuízos (apenas aos agricultores e nunca à fumageira) quando eles ocorrem. A dificuldade está na insegurança na busca de alternativas ao tabaco.

Há ações ligadas ao Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco, do Governo Federal, implantado em função do Brasil ser signatário da Convenção-Quadro da Organização Mundial de Saúde para o Controle do Tabaco (tratado internacional para o controle do tabaco), foram tímidas, inconsistentes e, especialmente, sofreram descontinuidade. Por isso, considero impróprias as análises que procuram responsabilizar o agricultor familiar por estar nessa cadeia. Também aquelas que defendem a impossibilidade de uma política de Educação do Campo em Itaiópolis porque o município seria um território do "agronegócio do fumo". A propósito, passo à educação.

## 1.6 EQUIPAMENTOS DE EDUCAÇÃO, LOCALIZAÇÃO E ENFOQUE

Segundo Lobo (2019), o município conta com trinta "equipamentos de educação", sendo seis Centros de Educação Infantil (CEI), 5 escolas rurais (ER), 3 Escolas Municipais (EM), 6 Pré-Escolas (PE), 6 Escolas de Educação Básica (EEB), além de um Centro Educativo, uma Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), um Núcleo Avançado de Ensino Supletivo (NAES), e uma Escola Privada. Todos são administrados pelo município, com exceção da Fundação Centro Educativo e das EEB, cuja responsabilidade é do governo do Estado. (LOBO, 2019).

A seguir apresento Quadros (3, 4 e 5) relativa a esses "equipamentos de educação", com o número de alunos nos anos de 2017 a 2019, capacidade da escola e o endereço. Devemos ressaltar que as unidades escolares que possuem o caractere (\*), são unidades que foram fechadas no município.

QUADRO 3 - Equipamentos de educação da Rede Municipal de Itaiópolis.

Nome	Alunos 2017 <sup>3</sup>	Alunos 2019	Capacidade	Endereço
CEI Crescer	66	45	59	Rua Alois Tyszka, 1139 - Centro
CEI Bom Jesus	61	56	59	Rua Henrique Koening, 587 – Bom Jesus
CEI Lucena	105	116	137	Rua Roberto Wagner, 49 - Lucena
CEI Semeando Saber	134	81	96	Rua Engelberto Linzmeier, 656 – Bom Jesus
CEI Tia Erci	69	72	87	Rua Costa Carvalho, 290 - Centro
CEI Vila Nova	111	113	131	Rua Hélio Wagner, 1185 – Vila Nova
Centro Educativo Itaiópolis	401	457	565	Rua Tancredo Neves, 88 - Centro
EER Bahia do Itajai	7	6	20	Localidade Baía do Itajai
ER Nova Esperança	27	19	40	Localidade Nova Esperança
ER Poço Claro II	47	42	80	Localidade Poço Claro II
ER Secção Schneider	45	71	120	Localidade de Secção Schneider
ER Rio da Areia	48	46	120	Localidade Rio de Areia
EM Renascer	318	346	420	Rua Alois Tyszka, 1789 - Centro
EM Bom Jesus	548	562	695	Rua Henrique Plautz, 214 – Bom Jesus
				Continua

EM Rio da Estiva	228	231	345	BR-116, Km 35 - Localidade Rio da Estiva
PE Cantinho Feliz	36	*	*	Distrito de Moema
PE Anjo da Guarda	20	24	25	Distrito de Iracema
PE Abelhinha Feliz	95	138	190	Rua Duque de Caxias, 572 -Centro
PE Anjos do Amanhã	40	31	50	Distrito de Itaió
PE Menino Jesus	*	*	*	Rua Francisco Scheubauer, 11 - Bom Jesus
PE Paraguaçu	33	32	50	R Anita Ruthes Andrzejewski,48-Alto Paraguaçu
Total	2439	2488	3289	

Fonte: Dados do Plano Municipal de Assistência Social, 2018-2021.

QUADRO 4 – Equipamentos de educação especial, de jovens e adultos e da Rede privada em Itaiópolis.

	Nome	Quantidade de Alunos em 2017	Quantidade de Alunos em 2019	Capacidade	Endereço
Educação especial	APAE	73	74	120	Rua Engelberto Linzmeier, 646 – Bom Jesus
Jovens e Adultos	NAES	185	187	272	Rua Duque de Caxias, 599 – Centro
Privada	Fundação Centro Educativo	50	350	350	Avenida Tancredo Neves, 88 – Centro

Fonte: Dados do Plano Municipal de Assistência Social, 2018-2021.

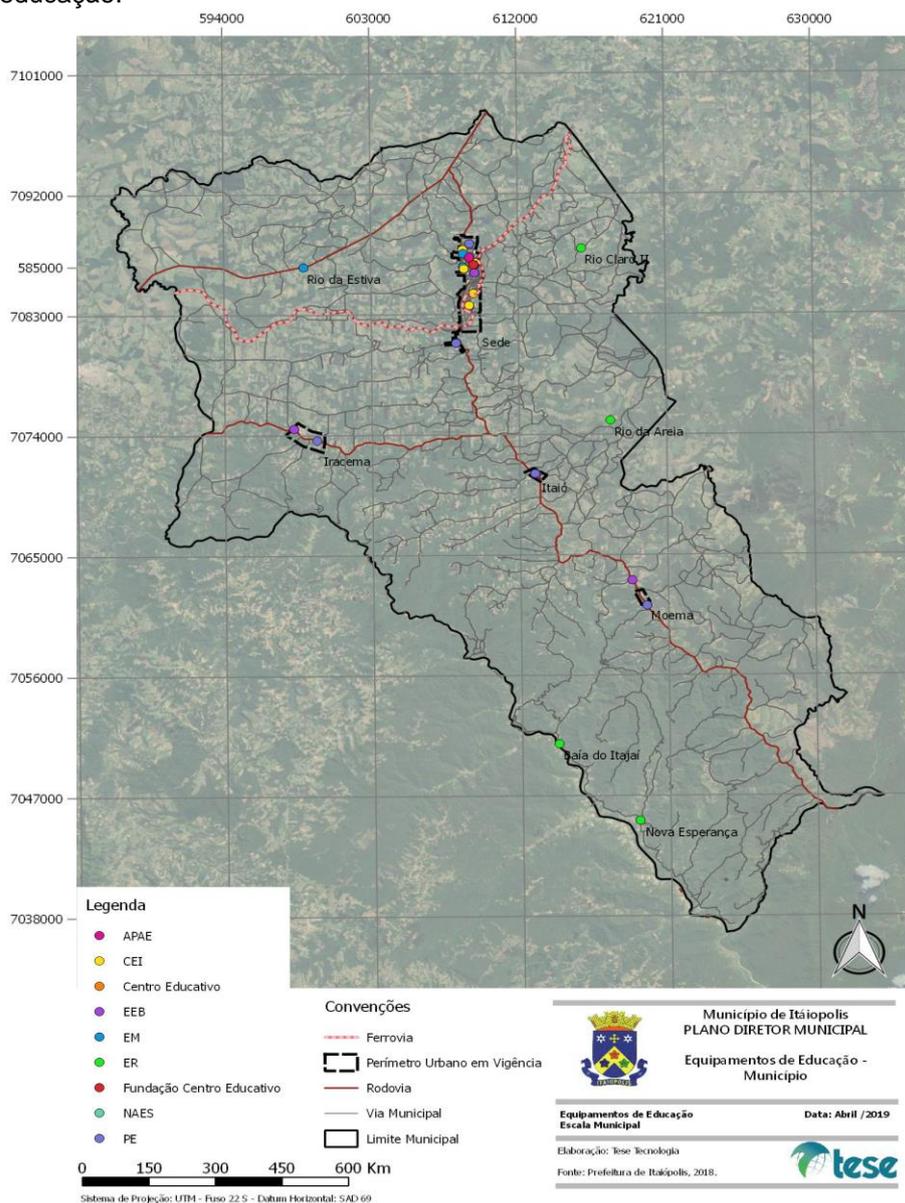
QUADRO 5 – Equipamentos de educação da Rede Estadual em Itaiópolis

Nome	Quantidade de alunos 2017	Quantidade de alunos 2019	Capaci- dade	Endereço
EEB Odir Zanelatto	372	376	490	Rua Serafim Furtado de Mello, 40 – Lucena
EEB Paulo Cristiano Heyse	270	294	480	Rodovia SC-477, Km 90 – Distrito de Moema
EEB Antonio Blaskowski	302	294	480	Rodovia SC-477, Km 77 – Distrito de Itaió
EEB São João Batista	198	205	255	Rua Anita Ruthes Andrzejewski, 48 – Alto Paraguaçu
EEF Amandus Bauer	200	207	340	Rodovia SC-477 – Distrito de Iracema
EEB Vergílio Várzea	806	885	1005	Rua Iteir Vitório Carvalho, 88 – Centro
Total	2148	2261	3050	

Fonte: Dados do Plano Municipal de Assistência Social, 2018-2021.

Para o debate que realizo não basta considerar o número, mas também a distribuição desses equipamentos no território do município. A Figura 8 permite uma ótima visualização da distribuição (ou, melhor, da concentração) existente. Boa parte está situada nos limites do perímetro urbano, mais especificamente na sede do município.

FIGURA 8 - Território do município de Itaiópolis com a localização dos equipamentos, de educação.



Fonte: Prefeitura de Itaiópolis, 2018.

Na rede municipal, o que parece é que só não foram "puxados" para a sede, os estudantes que estão em localidades que tornam o seu traslado diário praticamente impossível ou "mais caro". Assim, foram mantidas as Escolas

Reunidas: ER Poço Claro II, ER Rio da Areia, ER Secção Schneider, ER Bahia do Itajai, ER Nova Esperança, e a Escola Municipal Rio da Estiva. Fora da sede do município também persistem unidades escolares estaduais: EEB. Antônio Blaskowski (escola em que realizei a pesquisa), EEB. Paulo Cristiano Heyse, e EEF Amandus Bauer. Por estarem situadas em sedes de distritos (classificadas como vilas pelo IBGE), elas também são consideradas urbanas pelo Inep e pelo MEC.

Voltando aos os equipamentos de educação, Lobo (2019), a partir de dados obtidos nos Projetos Político-Pedagógicos, pondera que:

Com relação à infraestrutura presente nesses espaços, segundo dados do QEdU (2018), o qual analisou a situação de dez escolas no município<sup>5</sup>, todas elas possuem internet e quadra de esportes; a maioria conta com biblioteca, cozinha e laboratório de informática. No entanto, nenhuma possui laboratório de ciências nem sala de leitura.

De novo, contraponho minha experiência direta questiono essas informações que incluem a EEB Antônio Blaskowski, "campo" de minha pesquisa. Nela, os alunos não tem acesso à internet, a sala de informática foi desativada por falta de professores capacitados e a biblioteca é uma sala de aula que os alunos precisam dividir, em suas carteiras, com colunas de livros – a maioria didáticos. O que eu pude constatar é que os professores têm que buscar outras fontes de apoio e muitas vezes são forçados a pedir pesquisas que as pesquisas sejam realizadas em casa (de novo, uma boa parte dos estudantes não tem acesso doméstico à internet) para serem trazidas prontas.

Para finalizar esta seção, sublinho que Itaiópolis não tem nenhuma instituição de ensino superior – também um direito dos jovens do campo. Isso faz com que muitos jovens que pretendem continuar os estudos acabem tendo que sair do município para buscar uma graduação universitária. No meu caso, a pedagogia da alternância e a organização das disciplinas da Educampo/UFSC permitiram que eu conciliasse o trabalho na agricultura familiar com o estudo universitário em uma instituição pública, gratuita e de qualidade como a UFSC.

Já no da minha irmã, que acaba de concluir o Ensino Médio e pretende cursar uma faculdade, a situação é diferente. Ela vai precisar estudar em outro

município e meus pais não têm condições de pagar as mensalidades, estadia e alimentação. Assim, ela terá que mudar e arrumar um emprego para se manter. O que por sua vez, tende a dificultar a aprendizagem dela. Esta, na verdade, é a realidade de muitos jovens de Itaiópolis que acabam saindo "de casa" para estudar.

## **CAPÍTULO 2 - REFLEXÕES DE UMA TRABALHADORA NA AGRICULTURA FAMILIAR QUE VIVEU A "EDUCAÇÃO RURAL" E ESTUDOU EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Como já destaquei anteriormente, sou jovem e sou filha de agricultores familiares. Vivo com minha família no campo, na comunidade de Rio da Areia de Cima, em Itaiópolis. Meu pai tem quarenta e seis anos, é nascido no mesmo município e mora desde pequeno no meio rural. Aos dezessete anos, saiu de casa em busca de uma renda própria. Conseguiu, então, emprego em uma fazenda em Papanduva, município vizinho. Permaneceu neste emprego por doze anos. Foi neste período que conheceu a mulher com que casou e é minha mãe, hoje com quarenta anos. O casal teve três filhos, um menino, hoje com vinte e três anos, e duas meninas: eu, atualmente com vinte um, e a caçula, com dezoito. No princípio e muito jovens meu pai e minha mãe continuaram assalariados, com carteira assinada, na mesma fazenda.

O destino levou meu pai a retornar à terra onde havia nascido e vivido desde pequeno. Como era o filho mais novo, com o falecimento do meu avô paterno, ele precisou voltar para "cuidar" da minha avó e da propriedade familiar. Tinha, praticamente, nada. Os bens materiais que usavam na fazenda em que eram empregados pertenciam todos ao proprietário. Na unidade familiar, começaram com a queima de carvão, atividade bastante penosa. Após alguns anos, resolveram cultivar tabaco. Adquiriram, naquele momento, um trator.

Como não havia recursos financeiros para pagar "camaradas" (trabalhadores diaristas ou safristas) para ajudar nas atividades do cultivo do tabaco, eu e meu irmão precisávamos trabalhar, seja "na roça", seja nos afazeres da casa substituindo minha mãe que ia para a lavoura. Tínhamos que dar conta da totalidade das lidas "do lar", para que quando minha mãe

retornasse do trabalho agrícola tudo na casa "estivesse limpo e no devido lugar". Ressalto que por algum tempo nossa família viveu no paiol da estufa, porque não tínhamos casa para morar. Hoje, temos bastante maquinário e uma boa casa. Tudo isso é o resultado do trabalho do grupo familiar e da gestão do meu pai.

E, eu, a cada ano-safra, trabalho – ou "ajudo"... (voltarei a este ponto) – na produção do tabaco. Trata-se da principal atividade geradora de renda das famílias que compõem a pequena agricultura familiar de Itaiópolis (conforme Capítulo 1). Julgo importante sublinhar que, apesar das dificuldades, meu pai e minha mãe nunca deixaram faltar alimento à nossa mesa e, no que diz respeito mais direto à conclusão da EduCampo/UFSC, que este presente trabalho pode marcar, sempre nos incentivaram nos estudos.

Assim, é relevante, da mesma forma, recuperar minha trajetória estudantil. Realizei e concluí o pré-escolar, em uma escola situada em Papanduva, município onde morávamos. Com a mudança já citada, iniciei os estudos do Ensino Fundamental (EF) na Escola de Educação Básica Virgílio Várzea, situada em Itaiópolis. Fiquei nesta escola até a conclusão do Ensino Médio. No início, não era nada fácil por eu ser pequena – com apenas seis anos, íamos para a escola, juntos, eu, meu irmão e meu tio.

Nossas casas ficavam (e ficam) a cerca de vinte quilômetros da referida escola. Para "pegar" o transporte escolar, tínhamos que andar cerca de um quilometro até o "ponto". Levantávamos às 5:45 horas da manhã e chegávamos, de volta em casa, apenas às 13:40 da tarde. Nos dias de muita chuva íamos até o "ponto" e ficávamos raivosos quando o transporte não vinha por conta das condições meteorológicas e das estradas.

No início, a nossa "linha" de transporte era assegurada por uma Kombi e íamos todos apertados. Com o aumento do número de alunos, um micro-ônibus passou a ser usado. Após alguns anos, em função de troca de empresa concessionária do transporte escolar, passamos a um ônibus de grande porte, muitas vezes um veículo de baixas qualidade e segurança. As estradas não pavimentadas não recebiam boa manutenção e em dias chuvosos era frequente "encalharmos" em algum atoleiro pelo caminho. Na chegada tardia ao colégio, os diretores já sabiam que o atraso era por conta do transporte.

Quando o ônibus tinha uma pane mecânica, a dificuldade era ainda maior, porque sem possibilidade de comunicação e sem a quem recorrer, a única alternativa era voltar a pé para casa.

Recordo que no início de minha escolarização meus pais não tinham carro próprio. E, em um dos primeiros dias de cada mês, meu pai e minha mãe iam de trator até a sede do município para fazer a compra do mês. Eles saíam de manhã cedinho e retornavam somente à tarde. Eu e meu irmão precisávamos ficar cuidando da avó. No período do começo do ano letivo, as compras incluíam também a aquisição do nosso material escolar. Nessas oportunidades, meus pais levavam meus primos – cujos pais não tinham carro ou trator.

Não nos levavam, contudo, porque julgavam que não tinham dinheiro o suficiente para comprar o que iríamos querer e pedir insistentemente. Assim, era minha mãe quem escolhia os nossos materiais escolares. Eu e meus irmãos, todos ansiosos, ficávamos à espera. E quando eles chegavam, corríamos para ver o que iríamos ganhar. Era nosso "presente", por "ajudar" nos trabalhos tanto da casa, como da roça.

Em relação aos estudos, meus pais sempre foram muitos rígidos, tanto nas notas como comportamento. Nunca nos deixaram faltar às aulas por conta do trabalho. Para faltarmos, só por doença. E tinha que ser algo grave. Até nos dias atuais eles repetem que precisamos estudar "para ser alguém na vida". Para não ficar sofrendo como eles sofrem. Sempre ouvi isso e sempre senti a necessidade de ir em busca de algo melhor para mim, já que meus próprios pais não viam futuro ali na nossa Unidade Familiar de Produção.

Eu não tinha, entretanto, qualquer ideia de uma coisa diferente a fazer, de que profissão eu poderia seguir. Este, aliás, foi mais um motivo para que eu escolhesse o tema do presente TCC. Porque na minha vida escolar praticamente nunca vi serem apresentadas e debatidas questões relacionadas à possível permanência "na propriedade". Lembro que, na escola, eu não me sentia à vontade para dizer que eu pretendia permanecer na nossa UFP.

Creio que a escola me fez ver o meio rural como espaço de vida e a agricultura como trabalho para os que não conseguiam nada melhor, para os sem educação formal (ou sem o "diploma") que os "colocasse" melhor no mercado de trabalho. Durante minha formação no Ensino Médio, nunca

presenciei qualquer manifestação de profissionais da educação que nos motivassem a permanecer no campo. Ao mesmo tempo que era hostil à agricultura e ao rural, a escola não sinalizava e esclarecia sobre alternativas de formação e de atuação profissional. Já no final do Ensino Médio, por exemplo, não houve na escola qualquer divulgação das instituições de ensino superior próximas, nem dos cursos que ofereciam. Muito menos foi realizada uma visita a qualquer uma delas.

Com relação à Universidade Federal de Santa Catarina, os professores pareciam pensar que por sermos – na maioria – filhos/as de agricultores nunca chegaríamos a uma Instituição Federal de Ensino Superior. Eu mesma, nem sabia o que era uma Universidade Federal, ou que a UFSC existia. Ao mesmo tempo, eles diziam que estavam nos preparando para prestar vestibulares, para seguirmos estudando, para termos novas profissões. Aliás, a agricultura jamais nos foi apresentada como uma profissão.

Naquele contexto – que, hoje, vejo era pleno de preconceito com o campo, seus povos e o mundo agrícola –, eu tinha muita vergonha de dizer que morava "no interior". Na escola, a segmentação era clara. Os alunos do perímetro urbano ficavam restritos aos seus grupinhos. Aos que eram "do campo" restava restringir os laços de amizade a eles mesmos. Nesse ambiente, ao ser questionada a respeito do que eu gostaria de ser após concluir o Ensino Médio, eu ficava sem respostas. Por ter vergonha de dizer que pretendia, sim, continuar como agricultora em nossa (da família) UFP.

Assim foi com muita surpresa que, no final do último ano do Ensino Médio, em uma divulgação feita na escola, um professor da UFSC falou de um curso de Educação do Campo, voltado a jovens do campo e à valorização do campo como lugar de vida e de trabalho. Esse docente anunciava que haveria um vestibular específico para a Licenciatura em Educação do Campo, que o curso iria ser oferecido na região e que o seu sistema de funcionamento permitiria que seus estudantes mantivessem suas ligações com as UFP, com as localidades rurais e com os municípios em que viviam e trabalhavam. Decidi me inscrever no concurso vestibular, e consegui "passar".

Veio, então, a decisão de realizar ou não a matrícula. O que mais me motivou a efetivá-la – e, depois, a permanecer na EduCampo/UFSC – foi a forma como ele era oferecido, com períodos alternados de Tempo

Universidade (TU) e de Tempo Comunidade (TC). Nos TU, tivemos aulas às sextas e aos sábados a cada quinze dias, em Mafra (a trinta quilômetros e a meia hora, por via rodoviária, de Itaiópolis), assim como períodos concentrados e integrais nos meses de julho e de janeiro, em Florianópolis (a aproximadamente 330 quilômetros e a cinco horas, por via rodoviária, de Itaiópolis). Nos TC, foram realizados vivências, pesquisas, acompanhamentos ou estágios, sempre supervisionados e quase sempre (o que foi o meu caso) no município de origem do estudante. Sendo assim, parecia-me possível conciliar minhas atividades de estudo e meu trabalho na Unidade Familiar de Produção Agrícola.

Para a minha vida de trabalhadora na agricultura familiar, a aprendizagem se deu realizando tarefas ou "serviços" com meus pais. Eles sempre me ensinaram a trabalhar "na roça". Sei realizar a maioria das atividades na lavoura – sejam as braçais, sejam as de manejo de tratores e seus equipamentos. Da mesma forma, sempre participei (e participo) dos afazeres "da casa". Sou grata a meu pai e a minha mãe por eu ter aprendido a trabalhar na/com a agricultura. Avalio que meu trabalho é de extrema importância para o nosso grupo familiar.

Julgo, porém, que não tenho reconhecimento por aquilo que realizo. Sempre sou vista como uma simples "ajuda". E creio que o meu trabalho é percebido, por meu pai e minha mãe, como uma mera retribuição daquilo que "recebo" por estar morando com eles. Ou seja, eles me "dão" habitação, alimentação, vestuário etc. e eu retribuo com minha "ajuda". No que se refere à gestão da Unidade Familiar de Produção, nunca tive voz. Nunca fui chamada a opinar e nunca fui ouvida quando o fiz espontaneamente sobre a questão financeira, sobre a definição das alternativas produtivas, sobre que bens comprar para a casa ou no que investir para facilitar a produção. Ao mesmo tempo, eu tinha interesse em participar da gestão porque sempre tive vontade de assumir a UFP, de realizar inovações, de trabalhar com novas técnicas. Meu irmão mais velho, todavia, sempre foi visto como o provável sucessor. O fato de eu ser mulher pesou e pesa, claramente.

Também por ser mulher, sinto que não tenho liberdade. Apesar de trabalhar bastante e pesadamente, sempre que necessito de algo para mim, tenho que pedir dinheiro. E se quero "sair" (participar de atividades de cultura e

lazer), mesmo com vinte e um anos, além do dinheiro, tenho que pedir autorização. Ora, tudo isso, dificulta a minha permanência na UFP. Assim, minha tendência mais forte é sair "da propriedade".

Tratarei, agora, mais especificamente, de meus estudos universitários na UFSC e da relação com minha vida pessoal e de trabalhadora. Hoje, avalio que a conciliação dos estudos com o trabalho nunca foi fácil para mim, ao longo de todo o curso. Como já foi mencionado, as aulas dos TU em Mafra ocorreram nos finais de semana. Em épocas de colheita ou de outros períodos de pico de uso de mão de obra na lavoura de fumo, eu sempre estava muito cansada nas aulas, o que acabava acarretando em menor concentração. Além disso, sempre tive dificuldades de locomoção de minha casa até o local das aulas ou de realização das atividades (pesquisas, estágios etc.) da EduCampo/UFSC. Primeiro, porque de onde moro até a sede de Itaiópolis são cerca de dezoito quilômetros em estrada não pavimentada e malconservada. Depois, porque meus pais não me permitiam "sair sozinha" e dirigindo um automóvel da família. Assim, sempre precisei depender de alguém que aceitasse me levar aos pontos de encontro para as caronas com colegas, aos lugares de pesquisa ou de estágio etc. Continuei "pegando" muito o ônibus escolar. Muitas vezes, essa foi a única alternativa para eu chegar onde tinha meus compromissos da EduCampo/UFSC.

Nessa condição, recorro como um momento importante nessa minha vida de estudante a minha seleção para ser bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O fato de eu receber quatrocentos reais por mês, ajudou a me manter no curso, já que nos TU e nos TC eu gastava com alimentação e com combustível nas caronas solidárias. Cabe, aqui, um parêntese para tratar do funcionamento da agricultura familiar e da situação dos jovens – especialmente das jovens – no seu seio. A partir do recebimento da bolsa, meus pais passaram a considerar que eu tinha que me manter com aquele dinheiro. Que não havia mais necessidade de ele me "ajudar" financeiramente, que era para eu "saber economizar e valorizar o que eu ganhava".

O interessante é ao fim do período de dois anos em que recebi a bolsa – definições das políticas públicas que regem o PIBID me fizeram perde-la –, restou-me decidir por realizar um cadastro em meu nome, junto à empresa

fumageira, para plantar tabaco. Meus pais, por considerarem que a produção na UFP já era suficiente, optaram por me conceder uma parte da área e do contrato deles com a firma. O resultado financeiro dessa área caberia totalmente a mim. Realizei todas as minhas atividades na lavoura, mas como foi um ano em que a venda (preços e classificação) não foi boa, acabei ficando sem receber minha parte na renda. Mais uma vez, me senti afastada da possibilidade de assegurar minhas despesas com "a faculdade", com as minhas "coisas" e com atividades de lazer. Se trato dessas questões que parecem simples ou internas à família é porque penso que o curso de Licenciatura em Educação do Campo me fez ver diversos aspectos de um mesmo fenômeno.

Além de ver que o problema não é só meu, ou que não sou só eu que tenho esse tipo de problemas, que diversos jovens – homens e, especialmente, mulheres – passam pelos mesmos constrangimentos, sofrem as mesmas restrições, têm as mesmas dificuldades. Sobre o espaço rural e a agricultura familiar, por exemplo, eu passei a vê-los de outra forma, de ter orgulho em dizer que sou filha de agricultores familiares e que moro e trabalho no campo. Ao mesmo tempo, contudo, pude perceber que como jovem mulher trabalhadora na agricultura familiar não tenho qualquer autonomia. E, pior, não tenho a perspectiva de alcançá-la. Que há incompatibilidades entre minhas opiniões e aquelas do meu pai, e que prevalece e prevalecerá (até quando?) é o poder paterno. Com o meu irmão também há certos conflitos de opinião. E, de novo, minha "voz" acaba por não ser ouvida. Como somos, os dois, jovens, por eu ser "a mais nova" e por ser mulher. Tudo isso faz com que, apesar de termos uma relação afetiva muito boa dentro da família, não quero mais permanecer na UFP.

Ao tratar de meus aprendizados, assim como de novas formas de eu ver o mundo e o meu entorno, preciso voltar à bolsa PIBD. Porque ela não teve, para mim, apenas o significado econômico anteriormente mencionado. Realizei bons projetos e tive muitos aprendizados. No que interessa mais de perto a este TCC, em um dos projetos foi aplicado um pequeno questionário para os alunos da Escola de Educação Básica Virgílio Várzea. Por ser uma escola localizada no perímetro urbano, do tipo "Núcleo", ela abrangia tanto estudantes, nele residentes, como outros que moravam fora dele. Nosso

intuito foi de procurar quantificar os jovens que têm interesse em permanecer no campo. Ao aplicar este questionário, um(a) professor(a) disse aos alunos para eles pensarem muito bem a respeito do seu futuro, fechando com a seguinte frase: "pensem bem se vocês querem ser alguém na vida ou [se querem] continuar trabalhando na roça". Ouvir isso me marcou muito. Notadamente, por ter conhecimento de que os pais daquele(a) profissional de educação são agricultores. Pensei, por consequência, no desmerecimento e na desvalorização da profissão de agricultor no ambiente escolar e na sociedade. O momento relatado está na origem do meu interesse em trabalhar em meu TCC a questão da permanência dos jovens no campo e na agricultura e o papel que tem ou pode ter a escola. Por se tratar da minha realidade, pensei em realizar o estudo em Itaiópolis.

Achei que a pesquisa poderia me fazer pensar sobre (e repensar) algumas certezas que iam se consolidando em mim com o avanço das disciplinas do curso. Avalio que as escolas deveriam pensar em métodos de aprendizagem que valorizem mais os sujeitos que vivem no campo e que pretendem permanecer no campo. Que é preciso haver mais reconhecimento da vida e do trabalho no espaço rural. Que é indispensável apoio a essa perspectiva, tanto por parte das instituições de ensino responsáveis pela Educação Básica, como, de forma mais geral, pelos órgãos governamentais (nacional, estaduais, municipais).

É preciso considerar, ainda, que muitos jovens estudantes acabam buscando novas alternativas – em relação à agricultura e ao campo – para construir seus projetos de futuro porque são influenciados pelos próprios pais. Estes, tendo em conta suas histórias de vida e a visão que têm do contexto, não querem que seus filhos enfrentem as mesmas condições e situações. Eu, como criança e adolescente, como jovem mulher rural, como trabalhadora na agricultura familiar, testemunhei, no meu dia-a-dia, essa postura.

Minha mãe repetia com insistência que eu precisava "estudar para conseguir um emprego melhor" e que me permitisse "não sofrer como ela". Ora, o que orientava esse posicionamento de minha mãe era a sua vida, a constatação de que a mulher do campo e na agricultura familiar quase nunca é valorizada, mesmo realizando diversas atividades. Entre o "trabalho na roça" e os "afazeres da casa", trabalhando em dobro, mesmo assim ela é vista – e se

vê – como uma "ajuda". Essa autodesvalorização é o resultado de um sistema social patriarcal, que traz com consequência a percepção de que quem "manda" é o "homem da casa". Ora, independentemente de minha saída ou não da nossa UFP – e de outras jovens de suas Unidades Familiares de Produção –, o patriarcado precisa ser superado no campo (e na cidade). Precisei chegar à "faculdade" para perceber isso.

A partir da minha trajetória pessoal e de trabalhadora na agricultura familiar, somada à minha vivência e meus estudos na Educação do Campo, penso poder, como educadora, trabalhar novas metodologias de ensino que permitam levar em conta a realidade dos sujeitos do campo, de forma a contribuir para um processo de transformação no município de Itaiópolis.

Assim, minha reflexão sobre os jovens e a escola, a partir dos próprios jovens e da minha realidade, proposta neste TCC, considera os aportes da Licenciatura em Educação do Campo, que me apresentou uma nova forma de ver e trabalhar a educação, inclusive a dos jovens do campo. O que inclui a importância de saber identificar ou construir uma "escola no campo", importante para a postura de seus professores e para que ela venha ser, de fato, "uma escola do campo".

Dados esses balizamentos, fruto de minhas trajetórias acima relatadas, passo a apresentar os resultados e as discussões da pesquisa realizada.

### **CAPÍTULO 3 - A VOZ DOS JOVENS, O SUSSURRO DOS EDUCADORES**

Neste capítulo, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos na pesquisa campo.

Recordo que meu interesse foi estudar a escola e a tensão permanência/saída de jovens nas Unidades Familiares de Produção e no próprio município rural que é Itaiópolis. Para isso, primeiramente, procurei ouvir estudantes da EEB Antônio Blaskowski, na qual realizei estágio e senti intensificada a necessidade de trabalhar esse tema. Dada a dificuldade de me deslocar a cada residência, propus que os questionários fossem enviados e respondidos via o aplicativo WhatsApp. Muitos acabaram se recusando a participar e outros informaram que em casa não tinham acesso à internet. Foram, assim, apenas três alunos entrevistados. (Jovens 5, 6 e 7, no quadro a

seguir). Em seguida, busquei jovens que já saíram do espaço escolar e optaram em dar continuidade à produção agrícola.

Para isso, fiz um levantamento dos jovens que ainda permanecem na localidade rural Rio da Areia de Cima, onde resido. Na própria busca, constatei que havia um resultado de pesquisa. Muitos dos jovens que residiam na comunidade haviam saído para outros municípios em busca de novas oportunidades e emprego. A informação predominante é de que como eram de famílias pequenas, para ter renda própria e suprir suas necessidades, dependiam do trabalho "por dia". Trabalho que existe apenas no curto período da safra do tabaco. Isso fez com que buscassem emprego na sede de Itaiópolis ou em outros municípios. Ou até mesmo no centro do município saindo do campo para os centros urbanos. Consegui entrevistar quatro desses jovens que permanecem na localidade. (Jovens 1, 2 e 3 e 4, no quadro a seguir).

Nesse caso, as entrevistas foram realizadas pessoalmente, seguindo um roteiro de entrevistas, mas em um diálogo aberto que os deixasse à vontade. Todas as identidades foram preservadas e os jovens, identificados apenas por um número.

QUADRO 6 - Jovens do campo de Itaiópolis entrevistados.

Entrevistado	Idade (anos)	Não Estuda	Estuda	Trabalha com os pais	Tem seu próprio Trabalho
Jovem 1 M	22	X		X	
Jovem 2 M	25	X		X	
Jovem 3 F	24	X			X
Jovem 4 M	23	X			X
Jovem 5 F	15		X	X	
Jovem 6 F	15		X	X	
Jovem 7 M	15		X		

M: Masculino; F: Feminino.

Para as análises, considere, ainda, falas significativas coletadas durante estágio de regência realizado na mesma EEB Antônio Blaskowski. A seguir, apresento quadro com a transição das respostas.

### 3.1 PERSPECTIVA DOS JOVENS NO MUNICÍPIO DE ITAIÓPOLIS

#### 3.1.1. Quais as perspectivas de futuro? Pretende permanecer na localidade?

QUADRO 7 – Respostas dos entrevistados (item 3.1.1)

Entrevistados	Respostas
Jovem 1 M	Ser “milionário”, um homem de família e permanecer na agricultura, na qual trabalho atualmente. Pretendo continuar com o plantio do tabaco, milho e feijão e na queima de carvão. Para tornar isto possível é necessário estar financeiramente bem.
Jovem 2 F	Construir uma família, ter minha casa própria e continuar na agricultura. Estou nessa área desde pequena, sempre em busca de novas tecnologias para melhoramento do trabalho. Pretendo continuar onde moro. Trabalhava na agricultura, no cultivo do tabaco, fui para o centro, fiquei um ano trabalhando como cozinheira de um hotel, e hoje junto com meu marido voltei para o interior de onde não pretendo sair. Estou muito feliz em poder voltar a trabalhar com o que eu sempre soube fazer.
Jovem 3 M	Atualmente estou trabalhando com a agricultura, no plantio de milho e feijão. Estou contente com o meu retorno para casa de meus pais onde darei continuação aos trabalhos deles. Tive a oportunidade de trabalhar fora, nos centros das cidades, porém na agricultura é melhor. Eu ganho mais e trabalho como posso, sem ter que cumprir horários. Nos períodos de colheita do fumo, trabalho por dia com vizinhos e quando não tem serviço trabalho para mim com a queima de carvão e o plantio das lavouras. Meu objetivo é construir uma família, ter minha casa própria, e continuar na agricultura.
Jovem 4 M	Melhorar na questão financeira, construir uma família, acompanhar a tecnologia que vem evoluindo e continuar trabalhando na agricultura. Sempre trabalhando para que tudo que eu considero importante seja alcançado. Pretendo permanecer na propriedade, dando continuidade ao trabalho que meus pais estão desenvolvendo atualmente. Trabalho com a produção de fumo, soja e milho.
	Continua

Jovem 5 F	Não pretendo permanecer no município, por que ele não fornece o que eu preciso para minha formação. Vou procurar outra cidade, tanto para estudar, como para trabalhar. Acho que aqui não vai ter trabalho na área que eu pretendo estudar.
Jovem 6 M	Trabalho no cultivo do tabaco com minha família e o trabalho é bom. Ainda não sei a perspectiva do futuro. Porém, pretendo cursar medicina veterinária. Para alcançar esse objetivo, necessito esforço e estudo. O que a escola pode me oferecer é estudo e conhecimento. O local onde moro me incentiva bastante, mas não pretendo continuar na propriedade e nem no município. A agricultura é muito importante e está evoluindo bastante, com tecnologias, mudanças e desafios.
Jovem 7 F	Pretendo me formar, ter um emprego e ter uma vida estável. Ainda não sei no que pretendo trabalhar. Para alcançar meus objetivos, tem muito estudo e esforço próprio. Meus pais trabalham no fumo. Eu considero um trabalho muito cansativo. Não pretendo permanecer na localidade onde moro.

M: Masculino; F: Feminino.

Nota-se uma certa diferença em relação à perspectiva de futuro entre os jovens que estão na escola e são mais novos e aqueles que têm mais "rodagem", alguns, inclusive, já tendo saído (e retornado) das Unidades familiares de Produção.

Os que estão na escola afirmam que não pretendem dar continuidade aos trabalhos dos pais nas UFP, querem ir em busca de mais conhecimentos, cursar um ensino superior e entrar no mercado de trabalho.

A escola pode ser um eixo norteador para esses jovens, buscando trabalhar questões que busquem desenvolver e preparar os jovens tanto para a permanência nas UFP, ou para o mercado de trabalho. Buscando sempre ouvir os sujeitos para que posteriormente não tenham dificuldades na tomada de decisões para qual profissão seguir.

3.1.2. O que pensa sobre a agricultura? É necessário de estudo para continuar na agricultura? E o lugar onde mora, o que pensa dele?

QUADRO 8 - Respostas dos entrevistados (item 3.1.2).

Entrevistados	Respostas
Jovem 1 M	A agricultura mudou muito. O trabalho braçal diminuiu. Antes, trabalhávamos com cavalos, carpidas, etc. E, hoje em dia, é mais trabalhado com tratores e maquinários. Para mexer o solo, ajuda bastante. Só que o custo aumentou bastante. As estufas [para a cura das folhas de tabaco] modificaram. Antes eram de vara, agora são LL [Loose Leaf, com ar forçado]. Sobre ter que ter estudo para trabalhar na agricultura, para mim está bom. Porém, quem estuda mais, é melhor. Porque quando a gente vai aplicar um insumo agrícola tem que ler o rótulo, aí para quem tem mais conhecimento é melhor, sabe mais coisas. E para permanecer no campo, na verdade, precisa saber ler e escrever, para quando tiver algum contrato para assinar, é necessário saber o que está assinando.
Jovem 2 F	A agricultura vem crescendo cada vez mais, não é como antes, onde o trabalho braçal era maior. Hoje em dia está tudo mais fácil, desde o plantio até a colheita, com os maquinários. Sobre os estudos, não precisa ter muito estudo para trabalhar na agricultura. Apenas saber ler e escrever.
Jovem 3 M	Para trabalhar na agricultura era bom ter um curso de técnico agrícola, para ter mais conhecimento para aplicar na propriedade. Nenhuma escola incentivou a permanecer no campo, apenas para continuar os estudos e sair do campo.
Jovem 4 M	O lugar em que moro é bom, porém distante da cidade. Se fosse mais perto, o deslocamento seria mais fácil para negociar os produtos produzidos na propriedade. Penso que a agricultura está evoluindo e a gente tem que acompanhar, pois é um meio de produzir cada vez mais e não ficar para trás desatualizado com as tecnologias. Para ser um agricultor, não necessita ter estudo, uma faculdade específica. Apenas ter os conhecimentos básicos e buscar cada vez mais se aprimorar para produzir mais sem ter perdas, tanto financeiramente como na produção.
Jovem 5 F	A agricultura está crescendo muito, evoluiu muito com as tecnologias e as mudanças climáticas. Antigamente, era tudo manual. Hoje em dia, é tudo mais fácil com tratores e outras máquinas. Porque na nossa região a maioria da população são agricultores, acho que para aperfeiçoar as técnicas uma escola agrícola ajudaria. Mas para ficar no campo, não precisa de estudo.

	Continuação
Jovem 6 M	A agricultura é muito importante e está evoluindo bastante, com tecnologias, mudanças e desafios. O local onde moro é um local que me incentiva bastante, mas não pretende continuar na propriedade e nem no município. Não é necessário estudo para permanecer na agricultura.
Jovem 7 F	Optou por não responder

M: Masculino; F: Feminino.

Há um predomínio de uma visão de que a agricultura cresceu, mudou, se mecanizou, evoluiu. O que aponta para o reconhecimento da necessidade desses sujeitos irem à busca de mais tecnologias para aprimorar a produção. Há uma controvérsia sobre a necessidade ou importância de ter (ou não) estudo para permanecer na agricultura/UFP. Alguns respondem que sim, "para ler um rótulo de uma embalagem de insumo", "para ter mais conhecimentos", para ter uma formação específica ("Colégio Agrícola"). Já os jovens que estão na escola julgam que não é necessário ter estudo para continuar na agricultura.

### 3.1.3 Seus pais investiram a permanecer na propriedade ou e seguir com os estudos?

QUADRO 9 – Respostas dos entrevistados (item 3.1.3).

Entrevistados	Respostas
Jovem 1 M	O meu pai sempre me incentivou a permanecer no campo, para trabalhar com ele e ajudar. Já a minha mãe sempre incentivava a estudar.
Jovem 2 F	Meus pais sempre incentivaram a permanecer e dar continuidade ao que eles sempre nos ensinaram desde pequena que é o trabalho com a agricultura. E eu tive a experiência de poder ter a oportunidade de trabalhar no centro e retornar para o meio rural.
Jovem 3 M	Meus pais sempre incentivaram a permanecer com o trabalho da agricultura. Mas, a gente era novo e não gostava de ficar no interior, porque o serviço, antes, era mais braçal. E fui procurar emprego na cidade. Mas hoje percebo que, com a modernização e a tecnologia, mudou muito e quem trabalha na agricultura ganha mais do que por mês.

	Continuação
Jovem 4 M	Meus pais sempre me incentivaram a permanecer no campo, adquirindo terras para dar continuidade nas atividades de produção. Tenho minha parte na produção e trabalhamos todos juntos. Tive a oportunidade de sair e trabalhar na produção de soja e milho fora, em outro estado. O conhecimento adquirido, eu trouxe para aplicar aqui na propriedade.
Jovem 5 F	Meus pais incentivam a sair da propriedade para estudar e ter um emprego menos cansativo.
Jovem 6 M	Meus pais me incentivam a sair da propriedade para continuar os estudos.
Jovem 7 F	Meus pais me incentivam a estudar e se formar. Não querem que eu permaneça na propriedade.

M: Masculino; F: Feminino.

Fica claro que na faixa mais jovem e que está na escola prevalece o incentivo dos pais a sair da agricultura e da UFP. Pode-se pensar também em um corte de gênero. Tanto por parte das mães que incentivam filhos e filhas a estudar e sair, quanto de pais que incentivam filhos (do gênero masculino!) a permanecer na unidade familiar e dar sequência à produção. Isso inclui a abertura para aprender a pilotar os maquinários.

3.1.4. Sobre a escola em que estuda/estudou o que pensa? A escola incentivava a permanecer no meio rural?

QUADRO 10 - Respostas dos entrevistados (item 3.1.4).

Entrevistados	Respostas
Jovem 1 M	As escolas em que estudei eram boas, inclusive a merenda... A estrutura era boa, havia bons professores. Não continuei meus estudos por que não quis. A escola não incentiva a permanecer no campo, apenas a continuar os estudos para ser alguém na vida, como médicos advogados... Nada vinculado à agricultura. E também não incentivava a permanecer em Itaiópolis. Porque em Itaiópolis não havia faculdades ou cursos técnicos para melhorar os estudos. O meu ensino técnico foi no [Colégio] agrícola de Rio Negro, porque eu não precisava pagar.

	Continuação
Jovem 2 F	As escolas em que estudei eram boas. Havia bons professores. A estrutura agora já não é a mesma, mudou. Na escola na qual eu estudei até o Ensino Fundamental, as professoras incentivavam os alunos a permanecer no campo. Por ser uma escola do campo, sempre buscou incentivar os alunos a continuar com os trabalhos voltados à agricultura. Já no CEJA [Centro de Educação de Jovens e Adultos], eles incentivavam a sair e ir à busca de outros empregos e continuar estudando.
Jovem 3 M	As escolas em que estudei eram boas. Porém, no CEJA aprendi mais. As professoras sabiam trabalhar com a gente. Eu gostava de estudar. Aprendia bastantes coisas. As escolas... Nenhuma incentivou a permanecer no campo. Apenas a continuar os estudos e sair do campo.
Jovem 4 M	As escolas em que estudei eram boas, porém somente a escola agrícola incentivou a permanecer no campo, trabalhando com a agricultura. A escola agrícola contribuiu para aprimorar os conhecimentos e melhorar o trabalho trazendo novas ideias para desenvolver na agricultura. Tínhamos aulas práticas para aprimorar os conhecimentos e teoria. Já o outro colégio incentivava a sair da propriedade. Por estar situado no centro, não era trabalhado sobre a agricultura. Por isso meus pais me colocaram no colégio agrícola, para aprender mais e desenvolver os conhecimentos adquiridos na propriedade.
Jovem 5 F	Estou contente com os meus estudos, mas se tivesse oportunidade iria estudar em uma escola melhor.
Jovem 6 M	A escola em que estudo é boa, mas gostaria que levassem mais a sério. Ela não incentiva a permanecer na agricultura.
Jovem 7 F	Na escola em que estudo falta uma biblioteca com livros atualizados, uma sala de informática para ajudar no aperfeiçoamento dos conhecimentos dos alunos e infraestrutura.

M: Masculino; F: Feminino.

A quase totalidade das respostas indica que a escola não incentiva a permanecer no meio rural. Chama a atenção uma fala afirmativa, que aponta para uma exceção. É preciso considerar – o que faço por conhecimento

próprio, a escola em que a entrevistada cursou o Ensino Fundamental está situada em uma localidade rural, trabalha com a agricultura orgânica junto com os alunos e incentivou e incentiva seus alunos/as a permanecer em atividades agrícolas. Em relação ao Ensino Médio, destaco que dois entrevistados cursaram o Colégio Agrícola e dois, a Educação de Jovens e Adultos. No primeiro caso, claramente, para ter um estudo focado na agricultura. Ressalto que, no caso do CEJA, um jovem percebeu que "as professoras sabiam trabalhar com a gente".

Os jovens que estão na escola apontam para questões que vão além da falta de motivação para permanecer na unidade familiar. Eles apontam para a falta de infraestrutura, (sala de informática, biblioteca), para a má postura ("gostaria que levassem mais a sério") e o desejo de sair ("se tivesse oportunidade iria estudar em uma escola melhor"). Neste último caso, interrogada sobre o que seria uma escola melhor, ela respondeu:

“Por exemplo, que tenha uma sala de informática. Porque quando precisamos fazer alguma pesquisa, existe um notebook para a turma inteira.”

E perguntada se em Itaiópolis existiria uma escola com essa infraestrutura, ela avaliou:

“Na minha opinião "o Virgílio" [Escola Estadual de Educação Básica Virgílio Várzea], pois lá tem vários equipamentos para se ter uma boa aula prática de qualquer disciplina. Não estou julgando a minha escola, pois talvez aqui não se tem tantas condições financeiras para se ter mais tecnologia, mas eu acho que aos poucos deveriam ir investindo em mais equipamentos e melhorando as condições da escola.”

Fica claro que não basta considerar a realidade do campo, mas também tirar das escolas do campo a condição de precariedade.

A escola deve ser um ponto de intervenção para essas decisões no estímulo de permanecer ou não nas propriedades rurais, deixando claro que trabalhar a realidade na escola não significa que os jovens precisam permanecer no campo, isso não significa que a escola fracassou. Mas é

importante que a escola tenha compromisso de mostrar alternativas para esses jovens, seja permanecer no campo, ou na UFP, ou sair.

### 3.1.5. Qual incentivo para permanência no município (Itaiópolis)?

QUADRO 11 – Respostas dos entrevistados (item 3.1.5).

Entrevistados	Respostas
Jovem 1 M	O município influencia os jovens a saírem. Pois quem quer estudar, fazer uma faculdade tem que sair. Até para quem quer um emprego, só tem duas empresas. Muitos vizinhos saíram daqui e foram para outras cidades.
Jovem 2 F	O município de Itaiópolis influencia os jovens a saírem do lugar, pois quem quer continuar a estudar tem que sair e ir para outras cidades. Para a permanência dos jovens teria que ter mais condições de trabalho. E as escolas teriam que incentivar mais os alunos a permanecerem no campo.
Jovem 3 M	O município de Itaiópolis poderia trazer mais recursos para pequenos produtores, mais financiamentos e mais facilidades. Porque existe muita burocracia para a gente conseguir equipamentos para melhorar no trabalho com a plantação. E o município incentiva os jovens a sair para ir à busca de estudo ou empregos melhores. Quem não quer permanecer no interior tem que sair para fora.
Jovem 4 M	Os jovens teriam que ter mais incentivos dos governos, dos bancos. Para os pequenos produtores conseguirem financiamentos mais fáceis. Por que depende do que se quer financiar, não se enquadra. E o município poderia trazer um colégio agrícola para incentivar mais os jovens a permanecerem no campo. Pois quem quer continuar tem que sair. E muitos não voltam mais.
Jovem 5 F	Itaiópolis não é uma cidade tão grande e tem poucas empresas. Então os jovens vão procurar empregos em outras cidades.
Jovem 6 M	Eu acho que Itaiópolis ficou pequeno para os jovens. Itaiópolis não tem tantas empresas, e os jovens querem lugares para trabalhar. E acontece que os jovens acabam saindo da cidade.
Jovem 7 F	A maioria dos jovens procura oportunidades em cidades maiores e com mais disponibilidades de estudos.

M: Masculino; F: Feminino.

A totalidade dos jovens associa a "não-atratividade" de Itaiópolis à falta de (novas) empresas que ofereçam empregos e ao fato de não haver oferta de ensino superior no município. Isso é que força a saída. Também foi mencionada a falta de incentivos aos jovens na agricultura, especialmente a falta de enquadramento para serem beneficiários de financiamentos. Uma proposta apresentada (pelo jovem 4) seria a instalação de um colégio agrícola. Faço a ponderação que se as escolas situadas no município trabalhassem conteúdos voltados aos jovens do campo esta proposta faria menos sentido.

### 3.2 - PERSPECTIVA DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Durante meus estágios de docência da EduCampo/UFSC, pude realizar observações e ouvir alguns profissionais da educação. Pude perceber que muitos trabalham apenas com os livros didáticos. E, inclusive, que professores não efetivos na escola trazem conteúdos de outras unidades escolares para serem ali aplicadas. Um professor relatou, que:

“Eu não ligo muito ao que vou passar aos alunos deste colégio. Pois os alunos não demonstram muito interesse e questionam pouco. Já em outra escola que dou aula, vou preparado, pois os alunos estão focados em vestibulares e realizam várias perguntas” (Entrevista direta).

Questionado sobre possível postura preconceituosa nesse tipo de afirmação, o professor arrematou - Os alunos desse colégio não estão nem aí para os estudos. Porque a maioria vai continuar na roça mesmo. Então, eles vem por obrigação (Entrevista direta).

Infelizmente, não foi apenas este profissional da educação que fez esse tipo de relato. Muitos indicaram que pensam da mesma forma: que os alunos – e de forma mais geral, os povos – do campo não necessitam de estudo para permanecer nas unidades familiares. Por consequência, acabam trabalhando conteúdo do material didático (o que desmotivará esses estudantes) e deixando de lado a riqueza dos conhecimentos populares.

Os professores acabam reforçando – ao invés de combater – preconceitos e discriminações entre estudantes. Ouvi relatos de estudantes de

escolas situadas fora da sede do município quando da realização de "encontros" interescolas. Quando há jogos esportivos ou mostras científicas (de Física, por exemplo), eles costumam ouvir de seus pares que se supõem urbanos: "lá vem os da roça". O fato é que em uma mostra de Física, por exemplo, os "do interior" sentem não poderem apresentar projetos que mostrassem sua capacidade e promovessem seu reconhecimento. O que, por sua vez, faz com que os estudantes se sintam envergonhados de dizer que estudam naquela unidade escolar. Trata-se de um círculo nada virtuoso que envolve educados, estudantes e unidades escolares que precisa ser rompido.

Dando por finalizada esta sistematização das entrevistas, passo a apresentação de minhas considerações finais.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, busquei refletir sobre o possível papel da escola na permanência (ou na saída) de jovens do campo das Unidades Familiares de Produção em que vivem/viveram com seus pais e mães ou, mesmo de Itaiópolis, município essencialmente rural, no sentido dado por Veiga (2002). Inicialmente (Capítulo 1), para que o contexto em que de tal reflexão fosse entendido pelo leitor, apresentei o município, seus sujeitos e seus equipamentos de educação com a localização no território. Procurei lembrar a presença do cultivo do tabaco – presente na metade dos estabelecimentos agropecuários do município (e em todos os EA das famílias dos entrevistados) –, não apenas pelo aspecto econômico, mas também pelo trabalho exaustivo que exige.

A penosidade desse trabalho é determinante em muitos casos para a decisão pelos jovens (especialmente, pelas jovens) de saída das Unidades Familiares de Produção (UFP). No caso das jovens mulheres, além de terem que trabalhar (ou "ajudar", segundo pais e mães) "na roça de fumo" e nos "afazeres de casa", elas não têm voz ativa nos processos de decisão na UFP, no que se refere a investimentos na produção ou a desembolsos no consumo de bens. Para ilustrar essa falta de autonomia e por estar na base de minha reflexão, no Capítulo 2, coloquei diante do leitor minhas trajetórias como pessoa-mulher, como estudante e como trabalhadora na agricultura familiar.

No caso do percurso estudantil, desde, na infância, minha entrada no primeiro ano do Ensino Fundamental até meu ingresso por vestibular especial na Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina. Tal trajetória, a abertura que me deu esse curso superior, assim como o meu enredar no trabalho na agricultura familiar, foram determinantes para o meu olhar atual sobre o campo, seus povos, seus jovens e suas escolas. Finalmente, no terceiro capítulo, exponho as principais contribuições para a reflexão dos resultados de minha (!!) pesquisa. Que tem limitações, mas foi inteiramente pensada e executada por mim.

Como decorrência da sistematização e da análise das entrevistas, posso indicar que a escola é um fator para a saída dos jovens de UFP e de municípios rurais. Não é, contudo, o único. Os resultados apontam que pais e,

especialmente as mães, incentivam seus filhos e, notadamente, as filhas a deixar a UFP e o próprio município e buscar uma "vida melhor" ou, no mínimo, "menos sofrida". Outro fator importante para a saída também é interno às UFP – e à agricultura familiar. Trata-se da falta de diálogo entre os familiares, pesando o autoritarismo do patriarcado e do "chefe-de-família". A falta de reconhecimento (ou "enquadramento") do/da jovem e da agricultura familiar pelos instrumentos de políticas públicas agrárias e agrícolas (especialmente o crédito) também foram apontados pelos entrevistados como dificuldades que pressionam para a saída da UFP e do município rural.

As entrevistas apontam, da mesma forma, que os jovens permanecem na Unidade Familiar de Produção até a conclusão, antes, dos Anos Finais do Ensino Fundamental e, agora, do Ensino Médio. Isso se dá porque o transporte casa-escola-casa é assegurado e compatibiliza, de certa forma, o trabalho (considerado como "ajuda") na agricultura com o estudo. Após o término dessa etapa, uma parcela importante sai das UFP, para "trabalhar fora" e "ter uma profissão, ou para dar continuidade aos estudos (antes, na EJA, hoje em "faculdades"). Também há os que retornaram a UFP depois da realização de cursos técnicos, que consideraram determinantes para dar continuidade ao trabalho na agricultura e à gestão da "propriedade".

As entrevistas revelam, ainda, que Itaiópolis é visto como município que não tem atrativos para os jovens e eles tendem a buscar municípios maiores. Destaco que não há instituições de ensino superior no município. Alguns jovens de Itaiópolis se deslocam diariamente para uma "faculdade" na região, utilizando transporte privado. Mas a maioria tende a mudar para outro município, o que, geralmente, acaba sendo definitivo. No que se refere ao "trabalho fora", alguns retornam às UFP (como dois entrevistados) um tempo depois, após constatar as dificuldades de ser assalariado (os poucos ganhos e a subordinação a pessoas e horários) em empresas situadas em sedes de municípios da região.

Com relação à escola outro ponto chamou a atenção. Os resultados indicam que as unidades escolares de Itaiópolis, ao invés de combater o preconceito (e o bullying dele decorrente) em relação aos estudantes do campo, acabam o reforçando. Porque a escola acaba trabalhando de forma preconceituosa em relação aos povos do campo. Com o curso de Licenciatura

em Educação do Campo, pode reforçar a importância da valorização dos povos do campo e a abordagem adequada de questões voltadas à realidade desses sujeitos.

A falta de qualificação aos docentes das escolas, assim como as condições de trabalho a que são submetidos (por exemplo, em relação às horas-atividade) fazem com que eles trabalhem apenas com materiais didáticos, não considerando as especificidades e interesses dos estudantes, que são sujeitos do campo. Pesa, da mesma maneira, a ênfase dada pelos docentes no "preparar para o vestibular", e não para a vida e a cidadania. A Educação do Campo foi de extrema importância para minha formação integral. Ao cursá-la, tive a oportunidade de intercalar meus estudos com o trabalho na unidade familiar, o que me fez buscar aprofundar a reflexão sobre o êxodo dos jovens. Com o esforço relatado neste TCC creio ter balizado melhor minha possível atuação como Educadora do Campo, após formada.

Espero poder debater os resultados e minhas análises nas unidades escolares de Itaiópolis. Imagino poder contribuir, de alguma forma, para a quebra do "paradigma" que defende o seguinte: aqueles que permanecem nas Unidades Familiares de Produção, nas localidades rurais e até no município rural (nesse caso, menos eles próprios, é claro!) são fracassados, que ficaram por não terem conseguido construir escolhas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo** – Texto para Discussão n° 702 – IPEA – ISSN 1415-4765. Rio de Janeiro, 2000.

BRASIL. **Decreto n. 7.325**, de 4 de novembro de 2014. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. **Diário Oficial da União [ da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 4 de novembro de 2014, Seção 1.

BRASIL. **Lei 8.629**, de 25 de novembro de 1995. Dispõe sobre a regulamentação dos dispositivos constitucionais relativos à reforma agrária, previstos no Capítulo III, Título VII, da Constituição Federal. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8629.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8629.htm)>. Acesso em dezembro de 2019

GOOGLE, maps de Itaiópolis, Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=mapa+de+itaiopolis&og=mapa+de+&aqs=chrome.69i59l2j69i57j0l5.3318j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>> acesso em: 21 de dezembro 2019.

HOFFMANN, Juliana A; MARQUETI, Tatiana; MOURA, Nicoli. **Diagnostico do Município de Itaiópolis**, Itaiópolis de 2016.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/itaiopolis/panorama>> Acesso em: 09/01/2019

LEIS Municipais: Itaiópolis. Itaiópolis. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/legislacao-municipal/4608/leis-de-itaiopolis>>. Acesso em: 10 Abr. 2019.

LOBO, M. C. **Itaiópolis**; Capacidade de atendimento e distribuição das infraestruturas, equipamentos e serviços públicos. Curitiba, Prefeitura Municipal de Itaiópolis/Tese, maio 2019. (Consultoria para Revisão do Plano Diretor Municipal de Itaiópolis e Revisão e Atualização dos Planos de Saneamento Básico e de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos) Disponível em: <[https://static.fecam.net.br/uploads/724/arquivos/1482936\\_PROD\\_34\\_Infraestrutura\\_e\\_Equipamentos\\_03\\_05\\_2019.pdf](https://static.fecam.net.br/uploads/724/arquivos/1482936_PROD_34_Infraestrutura_e_Equipamentos_03_05_2019.pdf)> Acesso em dezembro de 2019.

MUNARIM, A.; SCHMIDT, W. **Educação do Campo e as Políticas Públicas**: Subsídios ao Dirigente Municipal de Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação – CED. Educampo/UFSC. Florianópolis – SC. 2014.

MUNARIM, Antônio; SCHMIDT, Wilson; PEIXER, Zilma Isabel. **Educação do Campo**: Políticas e Práticas em Santa Catarina. São Paulo Sp: Outras Expressões, 2016. 304 p.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Santa Catarina em Números: Itaiópolis**. Florianópolis Borba Capacitação e Consultoria Empresarial Ltda. 2010. 116p.

SICAR. **Ministério do Meio Ambiente.** Disponível em: <[www.car.gov.br/publico/municipios/downloads?sigla=SC](http://www.car.gov.br/publico/municipios/downloads?sigla=SC)>. Acesso em: 11 Mar. 2019.

VEIGA, J. E. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula.** Campinas: Autores Associados, GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, n - 13, p. 179-187. 2002

LEI Nº 8.629, DE 25 DE FEVEREIRO 1993 Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8629.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8629.htm)> acesso em: 8 de Janeiro 2020.